A REDE DO PENSAMENTO

J. Krishnamurti

Cultrix

Z.C.

A REDE DO PENSAMENTO

Registro fidedigno das palestras feitas em 1981, em Saanen, Suíça, e em Amsterdam, Holanda.

J. KRISHNAMURTI

A REDE DO PENSAMENTO

Tradução
de
SÔNIA RÉGIS

EDITORA CULTRIX
São Paulo

SUMÁRIO

1

Vejo que alguns dos meus antigos amigos estão aqui, e estou contente de vê-los. Como teremos sete palestras, devemos tratar daquilo que eu vou falar com muito cuidado, cobrindo todo o campo da vida; desse modo, por favor, tenham paciência os que já ouviram antes o conferencista, pois a repetição tem um certo valor.

O preconceito tem algo em comum com os ideais, crenças e fés. Devemos ser capazes de pensar juntos; mas os nossos preconceitos, os nossos ideais, e assim por diante, limitam a capacidade e a energia necessárias ao pensar, ao observar e examinar juntos, de modo a descobrirmos por nós mesmos o que permanece por trás de toda confusão, miséria, terror, destruição e da tremenda violência no mundo. Para compreender não apenas os meros fatos externos que estão acontecendo, mas também a profundidade e o significado de tudo isso, devemos ser capazes de observar juntos – não vocês observando de um modo e o conferencista de outro, mas juntos observarmos a mesma coisa. Essa observação, esse exame, deixa de ser possível se nos apegamos aos nossos preconceitos, às nossas experiências particulares e à nossa compreensão particular. Pensar juntos é extraordinariamente importante porque nós temos que fazer face a um mundo que está rapidamente se desintegrando, degenerando, um mundo em que não há nenhum sentido de moral, onde nada é sagrado, onde ninguém respeita o outro. Para compreender tudo isto, não apenas de modo superficial, casual, temos que penetrar na sua profundidade, no que permanece por trás. Temos que indagar por quê,

depois de milhões de anos de evolução, o homem, vocês e todo o mundo, tornaram-se tão violentos, calejados, destrutivos, persistindo nas guerras e na bomba atômica. O mundo tecnológico está cada vez evoluindo mais; talvez esse possa ser um dos fatores que levam o homem a tornar-se o que é. Então, por favor, vamos pensar juntos, não de acordo com o meu modo ou com o modo de vocês, mas simplesmente usar a capacidade de pensar.

O pensamento é o fator comum de toda a humanidade. Não existe um pensamento oriental ou um pensamento ocidental; existe apenas a capacidade comum de pensar, quer sejamos completamente pobres ou mais sofisticados, vivendo numa sociedade opulenta. Quer sejamos cirurgião, carpinteiro, trabalhador do campo ou um grande poeta, o pensamento é o fator comum a nós todos. Parecemos não perceber que o pensamento é o fator comum que nos liga. Vocês pensam de acordo com a própria capacidade, a própria energia, a própria experiência e o próprio conhecimento; o outro pensa de modo diferente, de acordo com a sua experiência e o seu condicionamento. Estamos todos presos nessa rede do pensamento. Este é um fato, indiscutível e real.

Nós fomos "programados" biologicamente, fisicamente e, também, "programados" mentalmente, intelectualmente. Devemos estar cientes de que fomos programados como um computador. Os computadores são programados por especialistas para produzirem os resultados que eles desejam. E esses computadores irão ultrapassar o homem no pensamento. Esses computadores podem coligir experiência e, através dessa experiência, aprender, acumular conhecimento, de acordo com o seu programa. Gradualmente, eles irão ultrapassar todo o nosso pensamento quanto à exatidão e com maior velocidade. Naturalmente, eles não podem compor como Beethoven ou como Keats, mas irão ultrapassar o nosso pensamento.

E, então, o que é o homem? Ele foi programado para ser católico, protestante, para ser italiano ou inglês, e assim

por diante. Durante séculos ele foi programado – para acreditar, para ter fé, para seguir certos rituais, certos dogmas; programado para ser nacionalista e ir à guerra. Desse modo, o seu cérebro tornou-se tal como um computador, embora não tão capaz, porque o seu pensamento é limitado, ao passo que o computador, embora também limitado, é capaz de pensar com muito mais rapidez do que o ser humano, e pode ultrapassá-lo.

Estes são fatos, isto é, o que na verdade está acontecendo. Então, o que é feito do homem? Então, o que é o homem? Se os robôs e o computador podem fazer quase tudo o que o ser humano pode fazer, então, qual será a futura sociedade do homem? Quando os carros podem ser construídos pelo robô e pelo computador – provavelmente muito melhor –, então, o que será do homem como entidade social? Estamos nos defrontando com estes e muitos outros problemas. Vocês não podem mais pensar como cristãos, budistas, hindus e muçulmanos. Estamos nos defrontando com uma tremenda crise; uma crise que os políticos jamais podem solucionar porque eles estão programados para pensar de um determinado modo – nem os cientistas podem compreender ou solucionar a crise, nem o mundo dos negócios, também, o mundo do dinheiro. O momento crítico, a decisão perceptiva, o desafio, não está na política, na religião, no mundo científico – está na nossa consciência. Temos que entender a consciência da humanidade, que nos trouxe a este ponto. Temos que ser muito sérios a respeito deste assunto, porque estamos realmente enfrentando algo muito perigoso no mundo, onde existe a proliferação da bomba atômica, que algum louco irá ativar. Nós todos devemos estar cônscios de tudo isto.

Temos que ser muito sérios, nem leviamos nem negligentes, mas interessados em entender este comportamento e o modo pelo qual o pensamento humano nos levou a todos nós a

este ponto. Devemos ser capazes de penetrar com muito cuidado, hesitantemente, com profunda observação para entender, juntos, o que está acontecendo, tanto exteriormente quanto interiormente. A atividade psicológica interior sempre sobrepuja a exterior; por mais regulamentos, sanções, decisões que vocês possam ter exteriormente, são todos despedaçados pelos nossos desejos psicológicos, medos e ansiedades, pela ânsia de segurança. A menos que entendamos que, seja qual for o aspecto exterior da ordem que tenhamos, a desordem interior sempre sobrepuja a que está externamente conformada, disciplinada e regularizada. Pode haver instituições cuidadosamente construídas – políticas, religiosas, econômicas – mas, seja qual for a sua construção, a menos que a nossa consciência interior esteja em completa ordem, a desordem interior sempre sobrepujará a exterior. Temos visto isto historicamente, está acontecendo agora, defronte de nossos olhos. Este é um fato.

O momento decisivo está na nossa consciência. A nossa consciência é um caso muito complicado. Já se escreveram muitos volumes a seu respeito, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Não estamos cônscios da nossa própria consciência; para examinar essa consciência em toda a sua complexidade, temos que ser livres para olhar, para estarmos cônscios do seu movimento sem nenhuma escolha. Não é que o conferencista esteja dirigindo vocês para olharem ou ouvirem todo o movimento interior da consciência de um determinado modo. A consciência é comum a toda a humanidade. No mundo, todo homem sofre; tanto interna quanto externamente há ansiedade, incerteza, todo o desespero da solidão; há insegurança, ciúme, ganância, inveja e sofrimento. A consciência humana é um todo; não é a sua ou a minha consciência. Isto é lógico, sensato, racional: para onde quer que vocês vão, em qualquer clima que vivam, sejam opulentos ou degradantemente pobres, quer acreditem em um deus ou em alguma outra entidade, a

crença e a fé são comuns a toda a humanidade — as imagens e os símbolos podem ser totalmente diferentes em vários lugares, mas eles provêm de algo comum a toda a humanidade. Esta não é apenas uma afirmação verbal. Se vocês a tomarem como uma afirmação verbal, como uma idéia, um conceito, então vocês não verão a sua profunda significação. A significação é a de que a sua consciência é a consciência de toda a humanidade, porque vocês sofrem, são ansiosos, solitários, inseguros, confusos, exatamente como os outros, embora eles vivam a dez mil milhas de distância. A percepção disso, o sentimento — o sentimento no mais íntimo —, é totalmente diferente da mera aceitação verbal. Quando vocês compreendem que são o resto da humanidade, isso traz uma tremenda energia; vocês atravessaram a estreita trilha da individualidade, o estreito círculo do eu e você, do nós e eles. Estamos examinando juntos esta consciência bastante complexa do homem, não do homem europeu, do homem asiático ou do homem do Oriente Médio, mas este movimento extraordinário no tempo, que tem se perpetuado na consciência por milhões de anos.

Por favor, não aceitem o que o conferencista está dizendo; se assim o fizerem isto não terá valor algum. Se vocês não começarem a duvidar, a questionar, sendo céticos para indagar, se vocês se prenderem à sua própria crença particular, à fé, experiência ou ao conhecimento acumulado, então vocês reduzirão tudo a uma espécie de coisa insignificante, com muito pouco sentido. Se assim o fizerem, não estarão fazendo face ao tremendo problema com que o homem se depara.

Temos que perceber o que é a nossa verdadeira consciência. O pensamento e tudo o que o pensamento formou faz parte da nossa consciência — a cultura em que vivemos, os valores estéticos, as pressões econômicas, a herança nacional. Se você é um cirurgião ou um carpinteiro, se se especializou numa determinada profissão, essa consciência grupal faz parte de sua consciência. Se você viveu num determinado país

com a sua tradição e cultura religiosa particulares, essa consciência particular de grupo tornou-se parte da consciência de vocês. Estes são fatos. Se você é um carpinteiro, tem que ter algumas habilidades, entender a natureza da madeira e as ferramentas da profissão; então, você gradualmente pertence ao grupo que cultivou essas habilidades especiais e que tem a sua própria consciência — do mesmo modo o cientista, o arqueólogo, assim como os animais, têm a sua própria consciência particular de grupo. Se você é uma dona-de-casa, tem a sua própria consciência particular de grupo, como todas as demais donas-de-casa. A permissividade espalhou-se pelo mundo todo, ela começou no extremo ocidente e espalhou-se pelo resto do mundo. Esse é um movimento de consciência grupal. Vejam o significado disso; tratem disso sozinhos, vejam o que está implicado nisso.

A nossa consciência inclui, na consciência mais profunda, os nossos medos. O homem tem vivido com o medo, geração após geração. Tem vivido com o prazer, com a inveja, com toda a agonia da solidão, da depressão e da confusão, e com um grande pesar, com o que ele chama de amor e com o perpétuo medo da morte. Tudo isso é a sua consciência, que é comum a toda a humanidade. Percebam o que isso significa: isso significa que você não é mais um indivíduo. Isso é muito duro de aceitar, porque nós fomos programados, como o computador, para pensar que somos indivíduos. Fomos programados religiosamente para pensar que temos almas separadas de todos os demais. Sendo programado, o nosso cérebro trabalha do mesmo modo há muitos séculos.

Se entendemos a natureza da nossa consciência, então, o esforço particular do "eu" que sofre torna-se uma coisa global e então se realizará uma atividade totalmente diferente. Esta é a crise em que estamos. Fomos programados; sendo programados podemos aprender — de vez em quando ter uma compreensão repentina —, e o nosso cérebro se repete

reiteradamente. Vejam só o verdadeiro fato: somos cristãos, budistas ou hinduístas; um é contra o comunismo, o outro é comunista ou democrata, nos repetimos, nos repetimos, nos repetimos. E desse estado de repetição há uma ruptura ocasional.

Desse modo, como pode o ser humano – que, na realidade, é o restante da humanidade –, como pode ele enfrentar esta crise, este momento de decisão? Como você, como ser humano que evoluiu milênios e milênios, pensando como um indivíduo – o que, na verdade, é uma ilusão –, enfrentará um momento de decisão, vendo o que é na realidade e nessa própria percepção mudar totalmente para outra direção?

Vamos entender juntos o que quer dizer olhar – olhar para a realidade do pensamento. Todos vocês pensam, é por isso que estão aqui. Todos vocês pensam e o pensamento se expressa por palavras ou por meio de um gesto, de um olhar, de algum movimento corporal. Sendo as palavras comuns a cada um de nós, nós entendemos através dessas palavras o significado do que está sendo dito. No entanto, o pensamento é comum a toda a humanidade – é uma coisa muito extraordinária quando a descobrimos, pois então vemos que o pensamento não é o nosso pensamento: é pensamento. Temos que aprender a ver as coisas como elas são na realidade – não como vocês são programados para olhar. Vejam a diferença. Podemos nos libertar de sermos programados e olhar? Se você olha como cristão, democrata, comunista, socialista, católico ou protestante – que são todos vários preconceitos –, então você não será capaz de entender a enormidade do perigo, a crise que estamos enfrentando. Se vocês pertencem a um determinado grupo, seguem um determinado guru ou estão entregues a uma determinada forma de ação, então, porque foram programados, serão incapazes de olhar para as coisas como elas são na realidade. Somente se vocês não pertencerem a nenhuma organização, a nenhum grupo, a

nenhuma religião ou nacionalidade em particular é que poderão realmente observar. Se vocês acumularam um grande conhecimento, dos livros e da experiência, as suas mentes já foram preenchidas, os seus cérebros estão repletos de experiência, das suas tendências particulares, e assim por diante — tudo o que lhes vai impedir de olhar. Podemos nos libertar de tudo isso para olhar o que na realidade está acontecendo no mundo? Olhar para o terror e as terríveis divisões religiosas sectárias, um guru se opondo a outro guru estúpido, a vaidade que há por trás de tudo isso, é estarrecedor. Você pode olhar para si mesmo não como um ser humano separado, mas como um ser humano que é, na realidade, toda a humanidade restante? Ter esse sentimento significa que você tem um grande amor pelos seres humanos.

Quando vocês forem capazes de ver claramente, sem nenhuma distorção, então vocês começarão a indagar a natureza da consciência, inclusive das camadas mais profundas da consciência. Vocês têm que indagar todo o movimento do pensamento, porque o pensamento é o responsável por todo o conteúdo da consciência, tanto das camadas profundas quanto das superficiais. Se vocês não possuíssem nenhum pensamento, não haveria nenhum medo, nenhum sentido de prazer, nenhum tempo; o pensamento é o responsável. O pensamento é o responsável pela beleza de uma grande catedral, mas o pensamento também é o responsável por todo o contra-senso que acontece dentro da catedral. Todas as realizações dos grandes pintores, poetas, compositores são atividades do pensamento: o compositor, ouvindo interiormente o maravilhoso som, registra-o no papel. Esse é o movimento do pensamento. O pensamento é responsável por todos os deuses do mundo, todos os salvadores, todos os gurus, por toda obediência e devoção; o todo é o resultado do pensamento que procura gratificação e evasão da solidão. O pensamento é o fator comum a toda a humanidade. O mais pobre aldeão na Índia

pensa como o diretor executivo, como o líder religioso. Este é um fato rotineiro comum. Este é o terreno sobre o qual estão todos os seres humanos. Não se pode escapar disso.

O pensamento fez coisas maravilhosas para ajudar o homem, mas também provocou grande destruição e terror no mundo. Temos que entender a natureza e o movimento do pensamento: por que vocês pensam de certo modo; por que se apegam a certas formas de pensamento; por que se agarram a certas experiências; por que o pensamento jamais entendeu a natureza da morte? Temos que examinar a própria estrutura do pensamento – não o pensamento de vocês, porque é completamente óbvio qual é o pensamento de vocês, pois vocês foram programados. Mas, se vocês indagarem seriamente o que é o pensamento, então entrarão numa dimensão completamente diferente – não a dimensão do seu problema próprio e particular. Vocês têm que entender o extraordinário movimento do pensamento, a natureza do pensar – não como um filósofo, não como um homem religioso, não como o membro de uma determinada profissão ou como uma dona-de-casa –, a enorme vitalidade do pensamento.

O pensamento é responsável por toda a crueldade, pelas guerras, pelas máquinas de guerra e a brutalidade da guerra, pela matança, pelo terror, pelo lançamento das bombas, pela captura de reféns em nome de uma causa ou sem uma causa. O pensamento também é responsável pelas catedrais, pela beleza da sua estrutura, pelos belos poemas; também é responsável por todo o desenvolvimento tecnológico, pelo computador, com a sua extraordinária capacidade de aprender e ir além do pensamento do homem. O que é pensar? É uma resposta, uma reação da memória. Se vocês não possuíssem memória não seriam capazes de pensar. A memória está armazenada no cérebro como conhecimento, resultado da experiência. É assim que opera o nosso cérebro. Primeiro, experiência; experiência que pode pertencer aos primórdios do homem, que

nós herdamos; essa experiência resulta no conhecimento, que é armazenado no cérebro; do conhecimento faz-se a memória e da memória, o pensamento. Com o pensamento vocês agem. Com essa ação, aprendem mais. E, assim, vocês repetem o ciclo. Experiência, conhecimento, memória, pensamento, ação; com essa ação aprendem mais e repetem. É assim que somos programados. Estamos sempre fazendo isso: tendo lembrado da dor, no futuro, evitamos a dor não fazendo aquilo que causará dor, o que se torna conhecimento, e repetimos isso. Prazer sexual, repetimos. Este é o movimento do pensamento. Vejam a beleza disso, como o pensamento opera mecanicamente. O pensamento diz para si mesmo: "Sou livre para operar." No entanto, o pensamento jamais é livre, porque é baseado no conhecimento e o conhecimento, obviamente, é sempre limitado. O conhecimento sempre é limitado, porque faz parte do tempo. Eu vou aprender mais e, para aprender mais, tenho que ter tempo. Eu não sei russo, mas vou aprender. Pode levar seis meses, um ano ou a vida toda. O conhecimento é o movimento do tempo. Tempo, conhecimento, pensamento e ação: vivemos neste ciclo. O pensamento é limitado; assim, toda ação que o pensamento gera deve ser limitada, e essa limitação cria conflito, é divisória.

Se digo que sou hindu, que sou indiano, estou limitado, e essa limitação provoca não apenas a corrupção, mas também o conflito, porque um outro diz: "eu sou cristão" ou "eu sou budista" e, assim, há conflito entre nós. A nossa vida, do nascimento à morte, é uma série de lutas e conflitos dos quais estamos sempre tentando fugir, o que, ademais, causa mais conflito. Vivemos e morremos nesse conflito perpétuo e interminável. Nunca buscamos a raiz desse conflito que é o pensamento, porque o pensamento é limitado. Por favor, não perguntem: "Como posso deter o pensamento?"; não é essa a questão. A questão é entender a natureza do pensamento, olhá-lo.

12 de julho de 1981.

2

Estávamos dizendo que a consciência humana é semelhante em todos os seres humanos. A nossa consciência, quer vivamos no Oriente ou no Ocidente, é formada de muitas camadas de medos, ansiedades, prazeres, pesares e todas as formas de fé. De vez em quando, talvez, nessa consciência há também o amor, a compaixão e, nessa compaixão, uma espécie completamente diferente de inteligência. E há sempre o medo do término, da morte. Os seres humanos, no mundo todo, desde os tempos imemoriais, têm tentado descobrir se há alguma coisa sagrada além de todo o pensamento, alguma coisa incorruptível e intemporal.

Existem as várias consciências grupais; os homens de negócio com as suas consciências, os cientistas com as suas e o carpinteiro com a sua; eles pertencem ao conteúdo da consciência e são produto do pensamento. O pensamento criou coisas maravilhosas, da extraordinária tecnologia dos computadores à telecomunicação, aos robôs, à cirurgia e à medicina. O pensamento inventou as religiões; todas as organizações religiosas de todo o mundo são formadas pelo pensamento.

O pensamento inventou o computador. Vocês têm que entender a complexidade e o futuro do computador; ele vai superar o homem em seu pensamento, ele vai mudar a estrutura da sociedade e a estrutura do governo. Esta não é uma conclusão fantástica do conferencista, ou alguma fantasia; é algo que está se avizinhando agora, na realidade, e disso vocês podem não estar cônscios. O computador possui uma

inteligência mecânica; ele pode aprender e inventar. O computador vai tornar o trabalho humano praticamente desnecessário — talvez duas horas de trabalho por dia. Estas são as mudanças que estão chegando. Vocês podem não gostar disso, podem se revoltar, mas estão chegando.

O pensamento inventou o computador, mas o pensamento humano é limitado e a inteligência mecânica do computador está superando a inteligência do homem. Ela vai revolucionar totalmente as nossas vidas. E, então, o que será do ser humano? Estes são fatos e não algumas conclusões específicas do conferencista.

Quando consideramos a capacidade do computador, então temos que nos perguntar: o que deve fazer o ser humano? O computador vai assumir o comando das atividades do cérebro. E o que, então, acontecerá ao cérebro? Quando as ocupações de um ser humano forem assumidas pelo computador, pelos robôs, qual será o destino do ser humano? Nós, seres humanos, fomos "programados" biologicamente, intelectualmente, emocionalmente, psicologicamente, durante milhares de anos, e repetimos o padrão do programa reiteradamente. Nós paramos de aprender e devemos indagar se o cérebro humano, que foi programado durante tantos séculos, será capaz de aprender e transformar-se imediatamente numa dimensão totalmente diferente. Se não formos capazes disso, o computador, que é muito mais capaz, rápido e exato, irá assumir o comando das atividades do cérebro. Isso não é uma coisa casual; este é um assunto por demais sério, desesperadamente sério. O computador pode inventar uma nova religião. Ele poderia ser programado por um douto especialista hindu, por um católico, por um protestante ou por um muçulmano, e resultaria numa maravilhosa estrutura para uma nova religião! E nós, se não estivermos cônscios do que está acontecendo, seguiremos essa nova estrutura, que foi produzida pelo computador. Vejam a seriedade de tudo isto, por favor.

A nossa consciência foi programada durante milhares e milhares de anos para pensar em nós como indivíduos, como entidades separadas, lutando, em conflito desde o momento em que nascemos até a morte. Somos programados para isso. Aceitamos isso. Nunca o contestamos, nunca perguntamos se é possível ter uma vida absolutamente sem conflito. Como nunca perguntamos, nunca aprenderemos. Repetimos. É inato à nossa existência o estar em conflito – a natureza está em conflito, esse é o nosso argumento – e pensamos que o progresso somente se faz através do conflito. As organizações religiosas, em toda a história, mantiveram a idéia da salvação individual. Estamos perguntando muito seriamente se há uma consciência individual, se vocês, como seres humanos, têm uma consciência separada do resto da humanidade. Vocês têm que responder a isso, não apenas brincar com isso.

Tendo sido educados, programados, condicionados para sermos indivíduos, então a nossa consciência é toda esta atividade do pensamento. O medo e a perseguição ao prazer são os movimentos do pensamento. O sofrimento, a ansiedade, a incerteza e os profundos arrependimentos, ferimentos, o peso de séculos de pesares, tudo faz parte do pensamento. O pensamento é responsável pelo que chamamos de amor, que se tornou prazer sensual, algo a ser desejado.

Como dissemos e repetiremos sempre até estarmos completamente certos disto, estamos pensando juntos; o conferencista não está lhes dizendo o que pensar. Ele não está fazendo propaganda – é uma coisa horrível, a propaganda. Ele não está lhes dizendo como agir, no que acreditar, mas juntos estamos investigando a catástrofe que está ocorrendo no mundo fora de nós – completa crueldade e violência – e também internamente, em cada ser humano, o extraordinário conflito que está tendo continuidade. Juntos estamos examinando. Não – se alguém quiser observar – que vocês estejam apenas ouvindo algumas idéias ou conclusões; não

estamos falando a respeito de idéias, conclusões ou crenças. Estamos olhando para este mundo que os seres humanos produziram, pelo qual todos nós somos responsáveis. Devemos ser claros em nosso entendimento – em qualquer nível que for este entendimento, seja um entendimento intelectual, que é apenas verbal, ou um entendimento de profunda significação, de modo que este entendimento age – de que chegamos a um ponto em que temos que tomar uma decisão, não pelo exercício da vontade, mas a decisão que naturalmente virá quando começarmos a entender toda a natureza e a estrutura do mundo, tanto externa quanto internamente. Essa percepção provocará uma decisão, uma ação.

O pensamento criou os problemas que nos cercam, e os nossos cérebros são treinados, educados, condicionados para a solução dos problemas. O pensamento criou os problemas, como a divisão entre nacionalidades. O pensamento criou a divisão e o conflito entre as várias estruturas econômicas; o pensamento criou as várias religiões e as divisões entre elas e, por conseguinte, há conflito. O cérebro é treinado para tentar solucionar esses conflitos que o pensamento criou. É essencial que entendamos profundamente a natureza do nosso pensar, a natureza das reações que surgem do nosso pensar. O pensamento domina as nossas vidas, não importa o que façamos; seja qual for a ação que se realize, o pensamento está por trás dessa ação. Em toda atividade, seja ela sensual, intelectual ou biológica, o pensamento opera o tempo todo. Biologicamente, durante séculos, o cérebro foi programado, condicionado – o corpo age do seu próprio modo, a ação de respirar, o batimento do coração, e assim por diante – e, assim, se você é católico, hindu ou budista, você repete esse condicionamento reiteradamente.

O pensamento é um movimento no tempo e no espaço. O pensamento é memória, lembrança das coisas passadas. O pensamento é a atividade do conhecimento, conhecimento

que foi acumulado durante milhões de anos e armazenado como memória no cérebro. Se vocês observarem a atividade do nosso pensar, verão que a experiência e o conhecimento constituem a base da nossa vida. O conhecimento nunca está completo: ele caminha sempre com a ignorância. Achamos que o conhecimento solucionará todos os nossos problemas, seja o conhecimento do sacerdote, do guru, do cientista, do filósofo ou do mais recente psiquiatra da moda. Mas nunca questionamos se o conhecimento em si mesmo pode solucionar quaisquer dos nossos problemas – exceto, talvez, os problemas tecnológicos.

O conhecimento vem com o tempo. Para aprender uma língua, vocês precisam de tempo. Aprender uma habilidade ou dirigir um carro com eficiência leva tempo. O mesmo movimento do tempo é convertido para o campo psicológico; aí, também dizemos: "Tenho que ter tempo para aprender a meu respeito"; "Tenho que ter tempo a fim de mudar 'aquilo que sou' para 'aquilo que devo ser'." Converter a atividade do mundo externo ao mundo psicológico significa que o tempo é um grande fator em nossa vida – o futuro, o passado e o presente. O tempo é pensamento. O tempo é necessário para a aquisição do conhecimento pela experiência, tanto no mundo externo quanto interiormente. Foi assim que fomos programados.

Sendo assim programados, pensamos que o tempo é necessário para produzir uma mudança profunda e fundamental na estrutura humana. Nós usamos o tempo como pensamento – "eu sou isto, devo ser aquilo". Vocês também diriam no mundo técnico: "não sei como construir um computador, mas vou aprender". Tempo, conhecimento, memória, pensamento são uma única unidade; não são atividades separadas, mas um único movimento. O pensamento, o resultado do conhecimento, é eternamente incompleto e, por conseguinte, limitado, porque o conhecimento é incompleto.

Tudo quanto é limitado deve produzir conflito. A nacionalidade é limitada. A crença religiosa é limitada. Uma experiência que vocês tiveram ou pela qual anseiam é limitada. Toda experiência deve ser limitada.

Consulente: Por quê?

KRISHNAMURTI: Porque há mais experiências. Eu posso ter uma experiência sexual, ou a experiência da posse da riqueza, a experiência de renunciar a tudo e entrar num mosteiro – todas essas experiências são limitadas.

O pensamento, sendo limitado, cria problemas – divisões nacionais, econômicas e religiosas; depois, o pensamento diz: "devo resolvê-los". Desse modo, o pensamento está sempre funcionando na resolução dos problemas. E o computador, um mecanismo que foi programado, pode sobrepujar a todos nós porque não tem problemas; ele evolui, aprende, muda.

A nossa consciência foi programada como consciência individual. Estamos questionando se essa consciência, que aceitamos como individual, é, na realidade, individual. Não digam: "O que acontecerá se eu não for um indivíduo?" Algo completamente diferente pode acontecer. Vocês podem ter um treinamento individual para uma ocupação particular, uma profissão particular; podem ser um cirurgião, um médico, um engenheiro, mas isso não os torna um indivíduo. Vocês podem ter um nome diferente, uma forma diferente – isso não faz a individualidade; nem a aceitação de que o cérebro, através do tempo, afirmou: "eu sou um indivíduo, é meu desejo me realizar, vir a ser pela luta". Essa assim chamada consciência individual, que é a de vocês, é a consciência de toda a humanidade.

Se as suas consciências, que vocês aceitaram como sepa-

radas, não são separadas, então qual será a natureza da nossa consciência? Parte dela são as respostas sensórias. Essas respostas sensórias são, naturalmente, necessariamente programadas para defendê-los durante a fome, para procurar por alimento, para respirar, inconscientemente. Biologicamente, vocês são programados. Então, o conteúdo das suas consciências inclui as muitas lesões e ferimentos que vocês receberam na infância, as muitas formas de culpa; ela inclui as várias idéias, certezas imaginárias; as muitas experiências, tanto sensórias quanto psicológicas; há sempre a base, a raiz do medo em suas várias formas. Com o medo, naturalmente, surge o ódio. Onde há medo deve haver violência, agressão, a extraordinária ânsia de ser bem-sucedido, tanto no mundo físico quanto no mundo psicológico. No conteúdo da consciência, há a constante perseguição do prazer; o prazer da posse, da dominação, o prazer do dinheiro que dá o poder, o prazer de um filósofo com o seu imenso conhecimento, o prazer do guru com o seu circo. O prazer, ademais, tem inúmeras formas. Também há a dor, a ansiedade, o profundo sentido de enfrentar a solidão e a dor, não apenas a assim chamada dor pessoal, mas também a enorme dor produzida pelas guerras, pela negligência, por essa interminável conquista de um grupo de pessoas por outro grupo. Nessa consciência há os conteúdos racial e de grupo; e, finalmente, há a morte.

Esta é a nossa consciência — crenças, certezas e incertezas, ansiedades, solidão e a interminável miséria. Estes são os fatos. E dizemos que esta consciência é minha! É mesmo? Vão ao Extremo Oriente ou ao Oriente Próximo, à América, à Europa, a qualquer lugar onde estão os seres humanos; eles sofrem, são ansiosos, solitários, deprimidos, melancólicos, estão lutando e em conflito — eles são iguais a vocês. Desse modo, a sua consciência é diferente da do outro? Eu sei que é muito difícil as pessoas aceitarem — vocês podem aceitar isso logicamente; intelectualmente vocês podem dizer: "Sim,

talvez seja assim." Mas ter esta sensação humana total de que vocês são o resto da humanidade exige uma grande dose de sensibilidade. Não é um problema a ser resolvido. Não é que vocês devam aceitar que não são um indivíduo, mas devem se esforçar para sentir essa entidade humana global. Se assim o fizerem, vocês o transformam num problema que o cérebro simplesmente fica completamente disposto a tentar resolver! Mas se vocês realmente o olharem com a mente, com o coração, com todo o seu ser totalmente cônscio deste fato, então vocês apagarão o programa. Ele ficará naturalmente apagado. Mas se vocês disserem: "Eu vou apagá-lo", então vocês estarão novamente de volta ao mesmo modelo. Para o conferencista esta é toda a realidade, não alguma coisa verbalmente aceita porque é agradável; é uma coisa real. Vocês podem ter examinado lógica, razoável e sensatamente a questão e descoberto que assim é, mas o cérebro, que está programado para o sentido da individualidade, vai se revoltar contra isto (o que vocês estão fazendo agora). O cérebro reluta em aprender. Enquanto o computador irá aprender porque nada tem a perder. Mas aqui estão vocês, com medo de perder alguma coisa.

O cérebro pode aprender? Esta é toda a questão; e, então, agora temos que entrar nesta questão do que é aprender. Para a maioria de nós, aprender é o processo de adquirir conhecimento. Eu não conheço a língua russa, mas vou aprendê-la. Aprenderei dia após dia, memorizando, detendo-me em certas palavras, frases e significados, na sintaxe e na gramática. Se eu me aplicar, posso aprender quase qualquer língua num determinado tempo. Para nós, aprender é essencialmente acumulação de conhecimento ou de habilidade. Os nossos cérebros estão condicionados a esse modelo. Acumular conhecimento e daí agir. Quando aprendo uma língua, esse conhecimento é necessário. Mas se estou aprendendo psicologicamente o conteúdo da minha mente, da minha consciência, esse conhecimento implica em examinar cada uma das suas camadas e em

acumular conhecimento a seu respeito e, a partir desse conhecimento, agir, seguindo o mesmo modelo da aprendizagem de uma língua? Se o cérebro repete esse modelo quando estou aprendendo a respeito do conteúdo da minha consciência, isso quer dizer que eu preciso de tempo para acumular conhecimento com relação a mim mesmo, quanto à minha consciência. Depois, eu determino quais são os problemas, e o cérebro está pronto para resolvê-los — ele foi treinado para solucionar problemas. É a repetição desse interminável modelo, e isso é o que eu chamo de aprender. Há uma aprendizagem que não esta? Há uma ação diferente de aprender que não seja acúmulo de conhecimento? Vocês entendem a diferença?

Deixem-me apresentar isso de modo diferente: pela experiência, nós adquirimos conhecimento; pelo conhecimento, memória; a resposta da memória é o pensamento, então, do pensamento, vem a ação; com essa ação vocês aprendem mais, e assim o ciclo se repete. Esse é o padrão da nossa vida. Essa forma de aprendizagem nunca solucionará os nossos problemas, porque é repetição. Nós adquirimos mais conhecimento, o que pode levar à uma melhor ação, mas essa ação está limitada e nós continuamos a repetir isso. A atividade proveniente desse conhecimento não solucionará os nossos problemas humanos. Nós não os solucionamos; é tão óbvio. Depois de milhões de anos, nós não solucionamos os nossos problemas: estamos nos arruinando mutuamente, estamos competindo uns com os outros; nós nos odiamos, queremos ser bem-sucedidos, todo o modelo é repetido desde o tempo em que o homem surgiu e ainda estamos nisso. Façam o que quiserem de acordo com este modelo e nenhum problema humano será solucionado, seja ele político, religioso ou econômico, porque é o pensamento que está operando.

Agora, existe outra forma de aprender? Aprender não no contexto do conhecimento, mas de forma diferente, uma ação-percepção não-acumulativa? Descobrir que temos

que indagar se é possível observar o conteúdo da nossa consciência e observar o mundo sem um único preconceito. Será isso possível? Não digam que não é possível; apenas façam a pergunta. Percebam se quando vocês têm um preconceito podem observar com clareza. Não podem, obviamente. Se vocês possuem uma determinada conclusão, um certo conjunto de crenças, conceitos, ideais, e querem ver claramente o que é o mundo, todas essas conclusões, ideais, preconceitos, e assim por diante, irão, na realidade, impedi-los. Não é uma questão de como se livrar dos nossos preconceitos, mas de ver claramente, inteligentemente, que qualquer forma de preconceito conquanto seja nobre ou ignóbil irá, na realidade, impedir a percepção. Quando vocês perceberem isso, os preconceitos se acabarão. O importante não é o preconceito, mas a necesssidade de ver claramente.

Se quero ser um bom cirurgião não posso fazê-lo com ideais ou preconceitos com relação aos cirurgiões; devo, na realidade, executar a cirurgia. Vocês podem perceber que é possível uma nova forma de ação, uma nova forma de conhecimento não-acumulativo, que irá apagar o modelo, apagar o programa, de modo que vocês ajam totalmente diferente?

O modo como estamos vivendo há milhões de anos tem sido a repetição do mesmo processo de adquirir conhecimento e de agir a partir desse conhecimento. Essa ação e esse conhecimento são limitados. Essa limitação cria problemas e o cérebro acostumou-se a solucionar os problemas que o conhecimento criou repetidamente. O cérebro fica preso a esse modelo e estamos dizendo que esse modelo jamais, em quaisquer circunstâncias, solucionará os nossos problemas humanos. É óbvio, nós não os solucionamos até agora. Deve haver um movimento diferente, totalmente diferente, uma ação perceptiva não-acumulativa. Ter uma percepção não-acumulativa é não ter nenhum preconceito. É não ter absolutamente nenhum ideal, nenhum conceito, nenhuma fé – porque tudo isso

destruiu o homem; isso não solucionou os seus problemas.

Assim, vocês têm um preconceito? Têm um preconceito que tem algo em comum com um ideal? Naturalmente. Os ideais existem para serem consumados no futuro e o conhecimento torna-se extraordinariamente importante na realização dos ideais. Assim, acaso vocês são capazes de observar sem a acumulação, sem a natureza destrutiva do preconceito, dos ideais, da fé, da crença e das suas próprias conclusões e experiências? Há a consciência de grupo, a consciência nacional, a consciência lingüística, a consciência profissional, a consciência racial, e há o medo, a ansiedade, o pesar, a solidão, a procura do prazer, do amor e, finalmente, a morte. Se vocês continuarem a agir dentro desse círculo manterão a consciência humana do mundo. Percebam só a verdade disto. Vocês são parte dessa consciência e a sustentam dizendo: "Eu sou um indivíduo. Meus preconceitos são importantes. Os meus ideais são essenciais." Repetindo a mesma coisa vezes sem conta. Agora, a manutenção, a sustentação e a nutrição dessa consciência acontecem quando vocês repetem esse modelo. Mas quando vocês se livram dessa consciência, estão introduzindo um fator totalmente novo no todo dessa consciência.

Agora, se entendemos a natureza da nossa consciência, se percebemos o modo como ela está operando neste interminável ciclo do conhecimento, da ação e da divisão – uma consciência que tem sido sustentada há milênios – se percebemos a verdade de que tudo isto é uma forma de preconceito, e nos livramos dele, introduzimos um fator novo no antigo. Isso quer dizer que você, como um ser humano que faz parte da consciência do restante da humanidade, pode afastar-se do antigo modelo de obediência e aceitação. Esse é o momento verdadeiramente decisivo de sua vida. O homem não pode continuar repetindo o antigo modelo; ele perdeu o seu significado – no mundo psicológico, ele perdeu totalmente o seu

significado. Se vocês se realizam, quem se importa? Se vocês se tornam santos, que importância tem isso? Enquanto que, se vocês se afastam totalmente desse modelo, afetam toda a consciência da humanidade.

14 de julho de 1981.

3

Eu gostaria de repetir que não estamos tentando convencê-los de nada; isso deve ficar bem claro. Não estamos tentando persuadi-los a aceitar um determinado ponto de vista. Não estamos tentando impressioná-los a respeito de nada, nem estamos fazendo qualquer propaganda. Não estamos falando a respeito de personalidades ou de quem está certo e de quem está errado, mas, pelo contrário, tentando refletir, observar juntos o que é o mundo e o que somos nós, o que nós fizemos do mundo e o que fizemos de nós mesmos. Estamos juntos a examinar tanto o homem interior quanto o exterior.

Para observar claramente, é óbvio, devemos ser livres para olhar. Se alguém se apega às suas experiências, julgamentos e preconceitos particulares, então não é possível pensar com clareza. A crise do mundo que está bem à nossa frente exige, reclama que pensemos juntos de modo a podermos resolver o problema humano juntos, não de acordo com alguma pessoa em particular, com um determinado filósofo ou guru. Estamos tentando observar juntos. É importante ter em mente, o tempo todo, que o conferencista está apenas observando algo que estamos examinando juntos. Não é uma coisa unilateral, mas, pelo contrário, estamos examinando em co-operação, fazendo juntos uma viagem e, assim, agindo juntos.

É muito importante entender que a nossa consciência não é a nossa consciência individual. A nossa consciência não é somente a consciência específica do grupo, da nacionalidade, e assim por diante, mas é também toda a agonia humana, o conflito, a miséria, a confusão e a dor. Estamos examinando

juntos essa consciência humana, que é a nossa consciência; não a sua ou a minha, mas a nossa.

Um dos fatores exigidos para este exame é a capacidade da inteligência. Inteligência é a capacidade de discernir, de entender, de distinguir; é, também, a capacidade de observar, de armar tudo o que reunimos e agir a partir daí. Esse reunir, esse discernimento, essa observação podem ser preconceituosos e nega-se a inteligência quando há preconceito. Se vocês seguirem outra pessoa, a inteligência é negada; o seguir outra pessoa, conquanto ela seja nobre, nega a sua própria percepção, nega a sua própria observação – vocês estão apenas seguindo alguém que lhes dirá o que fazer, o que pensar. Se fizerem isso, então, a inteligência não existe, porque nisso não há nenhuma observação e, por conseguinte, nenhuma inteligência. A inteligência exige a dúvida, a indagação, não ser impressionado por outros, pelo seu entusiasmo, pela sua energia. A inteligência exige que haja a observação impessoal. A inteligência não é apenas a capacidade de entender aquilo que é explicado racionalmente, verbalmente, mas também implica que colhemos tanta informação quanto possível, embora sabendo que essa informação nunca poderá se completar, a respeito de ninguém e de nada. Onde há inteligência há hesitação, observação e clareza do pensamento racional impessoal. A compreensão do todo do homem, de todas as suas complexidades, de todas as suas respostas físicas, das suas reações emocionais, de suas capacidades intelectuais, de seu afeto e de sua agonia, a percepção de tudo isso de uma só vez, em um ato, é a suprema inteligência. A inteligência, até agora, não foi capaz de transcender o conflito. Estamos caminhando juntos para ver se é possível o cérebro ficar livre do conflito. Vivemos com o conflito desde que nascemos, e assim continuaremos até a morte. Há a luta constante para ser, para ser alguma coisa espiritualmente, como se diz, ou psicologicamente, tornar-se bem-sucedido no mundo, reali-

zar-se – tudo isso é o movimento do vir a ser: eu agora sou isto e chegarei à meta final, ao princípio mais alto, tenha esse princípio o nome de deus, de brahman ou qualquer outro nome. A luta constante, seja para vir a ser ou para ser é a mesma. Mas quando alguém está tentando vir a ser em várias direções, então está negando o ser. Quando você tenta ser, você também está se tornando. Vejam este movimento da mente, do pensamento: eu acho que sou e, estando insatisfeito, descontente com aquilo que sou, tento realizar-me em alguma coisa, eu me dirijo a um determinado objetivo; pode ser doloroso, mas pensa-se que o fim é agradável. Há esta constante luta para ser e vir a ser.

Estamos todos tentando vir a ser; fisicamente, queremos uma casa melhor, uma melhor posição, com mais poder, um status mais elevado. Biologicamente, se não estamos bem, procuramos ficar bem. Psicologicamente, todo o processo interior do pensamento, da consciência, toda a propensão interior vem do reconhecimento de que na realidade nada somos e, pelo vir a ser, nos afastamos disso. Psicologicamente, interiormente, há sempre a fuga "do que é", sempre o escapar daquilo que eu sou, daquilo pelo que estou descontente para alguma coisa que irá me satisfazer. Seja essa satisfação concebida como um grande contentamento, felicidade ou iluminação, o que é uma projeção do pensamento, ou a aquisição de um maior conhecimento, ainda é o processo de vir a ser – eu sou, eu serei. Esse processo implica tempo. O cérebro é "programado" para isso. Toda a nossa cultura, todas as nossas sanções religiosas, tudo diz: "torne-se". É um fenômeno que se pode constatar em todo o mundo. Não apenas neste mundo ocidental, mas no Oriente todo mundo está tentando vir a ser, ou ser, ou evitar ser. Agora: será esta a causa do conflito, interior e externamente? Interiormente, há esta imitação, essa competição, essa conformidade com o ideal; externamente, há esta competição entre os assim chamados indivíduos de

um grupo contra outro grupo, nação contra nação. Interna e externamente, há sempre essa propensão para vir a ser e para ser alguma coisa.

Estamos perguntando: será esta a causa básica do nosso conflito? Está o homem fadado – enquanto vive nesta maravilhosa terra – ao conflito perpétuo? Podemos racionalizar esse conflito e dizer: a natureza está em conflito, a árvore que luta para alcançar o sol está em conflito, e que isso faz parte da nossa natureza, porque através do conflito, através da competição, nós evoluímos, nós nos tornamos este maravilhoso ser humano que somos – não estou dizendo isto de modo sarcástico. O nosso cérebro está programado para o conflito. Temos um problema que nunca fomos capazes de resolver. Vocês podem escapar neuroticamente para alguma fantasia e, nessa fantasia, ficar totalmente contentes, ou podem imaginar que interiormente alcançaram alguma coisa e ficarem totalmente contentes com isso; uma mente inteligente deve questionar tudo isso, deve exercitar a dúvida, o ceticismo. Por que os seres humanos, durante milhões de anos, desde o aparecimento do homem até o momento presente, viveram em conflito? Nós aceitamos, nós toleramos isso; nós dizemos que faz parte da nossa natureza competir, sermos agressivos, imitar, nos conformarmos, dizemos que faz parte do eterno modelo da vida.

Por que o homem, que é tão altamente sofisticado num sentido, é tão completamente desinteligente em outros? O conflito termina com o conhecimento? O conhecimento de si mesmo, ou do mundo, o conhecimento da matéria, aprender mais a respeito da sociedade a fim de ter melhores organizações e melhores instituições, adquirir cada vez mais conhecimento. Isso solucionará o nosso conflito humano? Ou a libertação do conflito nada tem a ver com o conhecimento?

Temos um grande conhecimento do mundo, da matéria e do universo; temos também um grande conhecimento histó-

rico de nós mesmos; esse conhecimento libertará o ser humano do conflito? Ou a libertação do conflito nada tem a ver com a análise, com a descoberta das várias causas e fatores dos conflitos? A descoberta analítica da causa, das muitas causas, libertará o cérebro do conflito? Do conflito que temos enquanto estamos despertos, durante o dia, e do conflito que prossegue enquanto estamos dormindo? Podemos examinar e interpretar os sonhos, podemos discutir toda a questão sobre por que os seres humanos sonham — isso solucionará o conflito? A mente analítica, analisando com muita clareza, racionalmente, sensatamente a causa do conflito porá fim ao conflito? Na análise, o analista tenta analisar o conflito e, ao fazer isso, separa-se do conflito — isso solucionará o conflito? Ou a liberdade nada tem a ver com quaisquer desses processos? Se vocês seguem alguém que diz: "Eu lhes mostrarei o caminho, estou livre do conflito e vou lhes mostrar o caminho", isso os ajudará? Esta tem sido a parte do sacerdote, a parte do guru, a parte do assim chamado homem iluminado: "Sigam-me, que eu lhes mostrarei", ou "Eu lhes apontarei o seu objetivo". A história mostra isto durante milênios e milênios e, no entanto, o homem não foi capaz de solucionar o seu conflito, tão profundamente enraizado.

Vamos descobrir juntos — não concordar, não como se fosse um conceito verbal intelectual — se há uma percepção, uma ação, que terminará com o conflito, não gradualmente, mas imediatamente. Quais são as implicações disso? O cérebro, sendo programado para o conflito, é aprisionado nesse modelo. Estamos perguntando se esse modelo pode ser rompido imediatamente, não gradualmente. Vocês podem pensar que podem rompê-lo por meio das drogas, do álcool, do sexo, das diferentes formas de disciplina, entregando-se a alguma coisa — o homem tentou mil modos diferentes de fugir deste terror do conflito. Agora, estamos perguntando: é possível para um cérebro condicionado romper esse condicionamento

imediatamente? Esta pode ser uma questão teórica, não-real. Vocês podem dizer que é impossível, que é apenas uma teoria, apenas a vontade, o desejo de se libertar deste conflito. Mas se examinarem o assunto racionalmente, logicamente, com inteligência, verão que o tempo não solucionará este condicionamento. A primeira coisa a se perceber é que não há nenhum amanhã psicológico. Se vocês olharem realmente, não verbalmente, mas profundamente nos seus corações, nas suas mentes, na própria profundeza do seu ser, irão perceber que o tempo não vai solucionar este problema. E isso quer dizer que vocês já romperam com o modelo, já começaram a ver rachaduras no modelo do tempo que nós aceitamos como um meio para desenredar, para fazer parar este cérebro programado. Tão logo percebam por vocês mesmos, claramente, absolutamente, irrevogavelmente, que o tempo não é um fator libertador, então vocês já começaram a ver rachaduras no recinto do cérebro. Os filósofos e os cientistas afirmaram: o tempo é um fator de crescimento, biologicamente, lingüisticamente, tecnologicamente, mas nunca indagaram a natureza do tempo psicológico. Qualquer indagação sobre o tempo psicológico implica todo o complexo do vir a ser psicológico – eu sou isto, mas serei aquilo; estou infeliz, irrealizado, desesperadamente só, mas amanhã será diferente. Perceber que esse tempo é o fator do conflito, então, essa própria percepção é ação; realizou-se a decisão – *vocês* não têm que decidir – a própria percepção é a ação e a decisão.

Há múltiplas formas de conflito, há milhares de opiniões, portanto milhares de formas de conflito. Mas nós não estamos falando sobre as várias formas de conflito, mas sobre o próprio conflito. Não estamos falando sobre o seu conflito particular – não vivo bem com a minha mulher, no meu trabalho, ou nisso ou naquilo –, mas sobre o conflito do cérebro humano em sua existência. Existe uma percepção, uma percepção que não nasça da memória, do conhecimento, que veja toda a

natureza e estrutura do conflito? Uma percepção desse todo? Existe esta percepção? Não uma percepção analítica, não uma observação intelectual dos vários tipos de conflito, não uma resposta emocional ao conflito. Existe uma percepção que não seja feita da lembrança, que é o tempo, que é o pensamento? Existe uma percepção que não pertença ao tempo ou ao pensamento, que possa ver toda a natureza do conflito e, com essa própria percepção, produzir o fim do conflito? O pensamento é tempo. O pensamento é experiência, conhecimento formado no cérebro como memória. É o resultado do tempo — "eu não sabia há uma semana, mas agora sei". A multiplicação do conhecimento, a expansão do conhecimento, a profundidade do conhecimento pertencem ao tempo. Assim, o pensamento é tempo — qualquer movimento psicológico é tempo. Se quero ir daqui até Montreux, se quero aprender uma língua, se quero me encontrar com alguém num lugar distante, preciso de tempo. E esse mesmo processo exterior é continuado interiormente — "eu não sou, mas serei". Assim, o pensamento é tempo. O pensamento e o tempo são indivisíveis.

E nós estamos fazendo a seguinte pergunta: existe uma percepção que não pertença ao tempo e ao pensamento? Uma percepção inteiramente fora do modelo ao qual o cérebro se acostumou? Existe isso, essa coisa que, talvez, por si irá solucionar o problema? Nós não solucionamos o problema em um milhão de anos de conflito, estamos dando continuidade ao mesmo padrão. Devemos descobrir, com inteligência, hesitantemente, com cuidado, se há um modo, se há uma percepção que cubra todo o conflito, uma percepção que rompa com este modelo. O conferencista apresentou esta pergunta. Agora, como vamos conciliar isto? Ele pode estar errado, ser irracional; mas, depois de vocês o terem ouvido com muito cuidado, é responsabilidade de vocês tanto quanto do conferencista perceberem se é assim, se isso é possível. Não digam: "Bem,

não é possível, porque eu não o consegui; não está dentro da minha esfera; não pensei o suficiente a esse respeito; ou, eu não quero pensar nisso tudo porque estou satisfeito com o meu conflito e estou completamente certo de que um dia a humanidade ficará livre do conflito." Tudo isso é apenas uma fuga do problema. Assim, estamos juntos, cônscios de todas as complexidades do conflito, sem negá-lo. Ele está aí, está aí tão real quanto a dor no corpo. Estamos cônscios sem nenhuma escolha de que é assim, e ao mesmo tempo fazemos a pergunta quanto a se existe uma abordagem completamente diferente.

Agora, podemos observar – não importa o que – sem nomear, sem a lembrança? Olhem para o seu amigo, ou para a sua esposa, ou seja lá para quem for; observem essa pessoa sem as palavras "minha esposa", ou "meu amigo", ou "pertencemos ao mesmo grupo", sem nada disso, observem de tal modo que não estejam observando por meio da lembrança. Vocês alguma vez já tentaram fazer isso diretamente? Olhem para a pessoa sem nomeá-la, sem o tempo e a lembrança, e olhem também para vocês mesmos – para a imagem que construíram de vocês mesmos, a imagem que construíram do outro; olhem como se estivessem olhando pela primeira vez – como olhariam para uma rosa pela primeira vez. Aprendam a olhar; aprendam a observar esta qualidade que surge sem toda a operação do pensamento. Não digam não é possível. Se vocês se dirigirem a um professor sem conhecer a sua matéria, mas querendo aprender com ele (eu não sou o professor de vocês), vocês vão para ouvir. Vocês não dizem: "sei alguma coisa a respeito disto", ou "você está errado", ou "você está certo", ou "não gosto da sua atitude". Vocês ouvem, descobrem. Quando vocês começam a ouvir com sensibilidade, com consciência, começam a descobrir se ele é um impostor, que usa uma porção de palavras, ou um professor que realmente atingiu a profundeza de sua matéria. Agora, podemos nós, juntos, ouvir e observar assim, sem a palavra,

sem a lembrança, sem todo o movimento do pensamento? Isto significa uma atenção completa, não a atenção de um centro, mas uma atenção que não tem nenhum centro. Se vocês possuem um centro através do qual prestam atenção, esta é apenas uma forma de concentração. Mas se vocês estão prestando atenção e não há nenhum centro, isto significa que estão dando completa atenção; nessa atenção não há nenhum tempo.

Muitos de vocês, feliz ou infelizmente, ouviram o conferencista durante muitos anos e vê-se que esse rompimento com o "programa" do cérebro não aconteceu. Vocês ouvem repetidamente essa afirmação ano após ano e ela não aconteceu. Será por que vocês querem alcançar, vir a ser, ter este estado no qual o padrão do cérebro foi rompido? Vocês ouviram e ele não aconteceu, e vocês têm a esperança de que ele aconteça, o que é outra forma de esforçar-se para vir a ser. Assim, vocês ainda estão em conflito. Assim, vocês ignoram tudo e dizem que não virão mais aqui porque não obtiveram o que querem – "eu quero isso mas não o consegui". Esse querer é o desejo de ser alguma coisa e é uma causa de conflito. Esse desejo vem do cérebro "programado". Nós estamos dizendo: para romper com esse programa, com esse modelo, observem sem o movimento do pensamento. Parece muito simples, mas vejam a lógica disso, a razão, a sensatez disso, não porque o conferencista o diz, mas porque isso é sadio. Obviamente, deve-se exercer a capacidade de ser lógico, racional e, ainda assim, conhecer as suas limitações, porque o pensar racional, lógico, ainda faz parte do pensamento. Sabendo que o pensamento é limitado, estejam cônscios dessa limitação e não o empurrem para adiante, porque ele ainda será limitado, por mais longe que vocês vão, enquanto que, se vocês observam uma rosa, uma flor, sem a palavra, sem nomear a cor, mas apenas olham para ela, então esse olhar produz grande sensibilidade, quebra esse sentido de

densidade do cérebro e dá uma extraordinária vitalidade. Há uma espécie de energia totalmente diferente quando há a percepção pura, que não está relacionada com o pensamento e o tempo.

16 de julho de 1981.

4

A ordem é necessária em nossa atividade diária; ordem em nossa ação e ordem em nossa relação uns com os outros. Temos que entender que a própria qualidade da ordem é totalmente diferente daquela da disciplina. A ordem se alcança diretamente, aprendendo a respeito de nós mesmos – não de acordo com algum filósofo ou algum psicólogo. Descobrimos a ordem por nós mesmos quando estamos livres de todo o sentido de compulsão, de todo o sentido do esforço determinado para obter ordem de acordo com um caminho em particular. Essa ordem nasce muito naturalmente. Nessa ordem existe a integridade. É ordem, não acordo com algum modelo, e não apenas do mundo externo, que se tornou tão completamente caótico, mas internamente, dentro de nós mesmos, onde não somos claros, onde somos confusos e incertos. Aprender a nosso próprio respeito faz parte da ordem. Se vocês seguirem outra pessoa, por mais erudita que ela seja, vocês não serão capazes de entenderem a si próprios.

Para descobrir o que é a ordem, devemos começar a entender a natureza das nossas relações. Nossa vida é um movimento de relação; por mais que se possa pensar que vivemos sozinhos, estamos sempre relacionados com uma coisa ou outra, tanto do passado quanto com alguma imagem projetada para o futuro. Assim, a vida é um movimento de relação e nessa relação há desordem. Devemos examinar cuidadosamente por que vivemos nessa desordem com nossas relações uns com os outros – por mais íntimas ou superficiais que sejam.

O conferencista não está tentando persuadi-los a pensar

numa determinada direção ou fazendo qualquer espécie de pressão persuasiva ou sutil sobre vocês. Pelo contrário, estamos juntos considerando cuidadosamente os nossos problemas humanos e descobrindo o que é a nossa relação uns com os outros e se nessa relação podemos produzir a ordem. Para entender todo o significado da relação uns com os outros, por mais íntima ou mais distante que seja, devemos começar a entender por que o cérebro cria imagens. Nós temos imagens de nós mesmos e imagens dos outros. Por que cada um tem uma imagem peculiar e se identifica com uma imagem? A imagem é necessária, ela nos dá um sentido de segurança? A imagem não produz a separação dos seres humanos?

Temos que perceber cuidadosamente a nossa relação com a esposa, o marido ou o amigo; olhem bem atentamente, não tentem evitá-la, não tentem ignorá-la. Devemos examinar juntos e descobir por que os seres humanos em todo o mundo possuem este extraordinário mecanismo que cria imagens, símbolos e modelos. Será porque nesses modelos, símbolos e imagens encontra-se grande segurança?

Se vocês observarem, irão perceber que fazem uma imagem de si mesmos, seja uma imagem de vaidade, o que é arrogância, seja uma imagem contrária. Ou vocês acumularam uma grande experiência, adquiriram um vasto conhecimento, o que por si mesmo cria a imagem, a imagem do especialista. Por que temos imagens de nós mesmos? Essas imagens separam as pessoas. Se vocês têm uma imagem de vocês mesmos como suíços, ingleses ou franceses, e assim por diante, essa imagem não apenas destorce a sua observação da humanidade como também os separa dos demais. E, sempre que há separação, divisão, há o conflito — como há conflito em todo o mundo, o árabe contra o israelita, o muçulmano contra o hindu, uma igreja cristã contra outra. Tanto a divisão nacional quanto a econômica, todas resultam de imagens, conceitos, idéias, e o cérebro se apega a essas imagens. Por quê? É por causa

da nossa educação, por causa da nossa cultura, onde o indivíduo é mais importante e onde a sociedade coletiva é uma coisa totalmente diferente do indivíduo? Isso faz parte da nossa cultura, faz parte do nosso treinamento religioso e da nossa educação diária. Quando alguém tem uma imagem de si mesmo como inglês ou americano, essa imagem lhe dá uma certa segurança. Isso é muito óbvio. Tendo criado a imagem de si mesmo, essa imagem se torna semipermanente; por trás dessa imagem, ou com essa imagem, tenta-se obter segurança, proteção, uma forma de resistência. Quando estamos em relação com o outro, embora delicadamente, embora sutilmente, psíquica ou fisicamente, há uma resposta baseada numa imagem. Se alguém é casado ou tem uma relação íntima com outra pessoa, forma-se uma imagem na sua vida diária; quer essa relação exista há uma semana ou há dez anos, a imagem da outra pessoa é formada lentamente, passo a passo; cada reação é lembrada, acrescentada à imagem e armazenada no cérebro, de modo que a relação – pode ser física, sexual ou psíquica – se faz, na verdade, entre duas imagens, a imagem própria e a do outro.

O conferencista não está dizendo nada de extravagante, de exótico ou de fantástico; está apenas observando que essas imagens existem. As imagens existem, e nunca se pode conhecer completamente o outro. Se alguém é casado ou tem uma namorada, nunca pode conhecê-la completamente; pensa que a conhece porque, tendo vivido com essa pessoa, acumulou lembranças de vários incidentes, de várias irritações e de todas as ocorrências que acontecem na vida diária; assim como ela também teve as suas reações e as imagens dessas reações estão fixadas no seu cérebro. Essas imagens representam uma parte extraordinariamente importante na nossa vida. Aparentemente, muito poucos de nós estão livres de qualquer forma de imagem. Estar livre das imagens é a verdadeira liberdade. Nessa liberdade não há nenhuma divisão produzida pelas

imagens. Se somos hindus, nascidos na Índia com todo o condicionamento a que estamos sujeitos, o condicionamento da raça ou de um determinado grupo, com as suas superstições, com as suas crenças religiosas, dogmas, rituais – toda a estrutura dessa sociedade – vivemos com esse complexo de imagens, que é o nosso condicionamento. E, por mais que possamos falar de fraternidade, unidade, totalidade, essas são apenas palavras vazias, sem nenhum significado diário verdadeiro. Mas se nos libertarmos de toda essa imposição, de todo o condicionamento, de todo esse contra-senso supersticioso, então estamos destruindo a imagem. E, também, na nossa relação, se somos casados ou vivemos com outra pessoa, será possível não criar uma imagem – não registrar um incidente que pode ser prazeroso ou doloroso nessa relação particular, não registrar nem o insulto nem a lisonja, nem o encorajamento nem o desencorajamento?

É possível não registrar? Porque, se o cérebro estiver constantemente registrando tudo o que estiver acontecendo, psicologicamente, então ele nunca está livre para permanecer quieto, nunca pode estar tranqüilo, em paz. Se o mecanismo do cérebro estiver operando durante o tempo todo, ele se esgota. Isso é óbvio. É o que acontece em nossas relações uns com os outros – seja lá qual for a relação – e se houver constante registro de tudo, então o cérebro lentamente começa a fenecer e isso, essencialmente, é a velhice.

Desse modo, ao investigar, nós nos deparamos com esta questão: será possível, em nossas relações, com todas as suas reações e sutilezas, com todas as suas respostas essenciais, haverá uma possibilidade de não se lembrar? A lembrança e o registro se processam o tempo todo. Estamos perguntando se é possível não registrar psicologicamente, mas apenas registrar aquilo que for absolutamente necessário. Em certos sentidos é necessário registrar. Por exemplo, devemos registrar tudo o que for necessário para aprender matemática. Se vou ser

engenheiro, devo registrar toda a matemática relacionada com as estruturas, e assim por diante. Se vou ser físico, devo registrar o que já foi confirmado nesse terreno. Para aprender a dirigir um carro devo registrar. Mas será mesmo necessário, em nossas relações, registrar psicologicamente, interiormente? A lembrança de incidentes passados, será isso amor? Quando eu digo para a minha esposa "eu amo você", "eu a amo", isto pertence à lembrança de todas as coisas que passamos juntos — os incidentes, as agonias, as lutas, que são registradas, armazenadas no cérebro —; será essa lembrança amor verdadeiro?

Assim, é possível ser livre e não registrar de modo algum, psicologicamente? É possível somente quanto há atenção total. Quando há atenção total, não há registro.

Não sei por que queremos explicações ou por que os nossos cérebros não são suficientemente rápidos para capturar, para ter uma introvisão de toda a coisa, imediatamente. Por que não podemos perceber isto, toda a verdade disto, e deixar esta verdade operar e, portanto, apagar a lousa e ter um cérebro que não registre de modo algum, psicologicamente? Mas a maioria dos seres humanos são, de preferência, indolentes; eles preferem gostar de viver nos seus antigos modelos, com os seus hábitos particulares de pensamento; eles rejeitam qualquer coisa nova porque pensam que é muito melhor viver com o conhecido do que com o desconhecido. No conhecido existe proteção — pelo menos eles pensam que existe proteção, segurança — e, assim, continuam repetindo, trabalhando e lutando dentro do campo do conhecido. Podemos observar sem todo o processo e o mecanismo da memória em operação?

O que é o amor? Esta é uma questão muito complexa; todos nós sentimos que amamos uma ou outra coisa, o amor abstrato, o amor a uma nação, o amor a uma pessoa, o amor a deus, o amor à jardinagem, o amor ao comer demais. Abusa-

mos tanto da palavra amor que temos que descobrir o que é, basicamente, o amor. O amor não é uma idéia. O amor a deus é uma idéia, o amor a um símbolo também é uma idéia. Quando vocês vão à igreja e se ajoelham e rezam, vocês estão, na realidade, adorando ou orando para alguma coisa que o pensamento criou. Assim, vejam o que está acontecendo: o pensamento criou – na realidade, este é um fato – e vocês adoram aquilo que o pensamento criou; isto significa que vocês estão adorando, de um modo muito sutil, a vocês mesmos. Esta pode parecer uma afirmação sacrílega, mas é um fato. É isto que está acontecendo no mundo todo. O pensamento cria o símbolo com todos os atributos desse símbolo, românticos, lógicos ou sensatos; tendo-o criado, vocês o amam, tornam-se completamente intolerantes para com qualquer outra coisa. Todos os gurus, todos os sacerdotes, todas as estruturas religiosas estão baseadas nisso. Vejam que tragédia! O pensamento cria a bandeira, o símbolo de um determinado país; então, depois, vocês lutam por ele, vocês matam-se uns aos outros por ele; a sua nação irá destruir a terra pela competição com outra nação e, assim, a bandeira se torna um símbolo do seu amor. Há milhões de anos vivemos desse modo e ainda somos seres humanos extraordinariamente destrutivos, violentos, brutais e cínicos.

Quando dizemos que amamos a alguém, nesse amor há desejo, há as projeções agradáveis das várias atividades do pensamento. Temos que descobrir se o amor é desejo, se o amor é prazer, se há medo no amor, pois onde há medo deve haver ódio, ciúme, ansiedade, posse e dominação. Há beleza na relação e todo o cosmos é um movimento em relação. O cosmos é ordem e, quando alguém tem ordem em si mesmo, tem ordem nas suas relações e, por conseguinte, existe a possibilidade de ordem na nossa sociedade. Se indagarmos a natureza da relação, descobrimos que é absolutamente necessário ter ordem, e desssa ordem nasce o amor. O que é

a beleza? Vocês vêem a neve recente sobre as montanhas esta manhã, limpa, uma bela visão. Vocês vêem essas solitárias árvores negras contrastando com o branco. Olhando o mundo à nossa volta vocês vêem o maravilhoso mecanismo, o extraordinário computador com a sua extraordinária beleza, vêem a beleza de um rosto, a beleza de um quadro, a beleza de um poema — vocês parecem reconhecer a beleza lá fora. Nos museus, ou quando vão a um concerto e ouvem Beethoven ou Mozart, há grande beleza — mas sempre lá fora. Nas colinas, nos vales com suas águas correntes, e no vôo dos pássaros e no canto de um melro, de manhã cedinho, há beleza. Mas a beleza está apenas lá fora? Ou a beleza é algo que existe somente quando o "eu" não está presente? Quando vocês olham para essas montanhas numa manhã ensolarada, reluzindo contra o céu azul, a sua própria majestade afugenta todas as suas lembranças acumuladas, por um momento. Lá a beleza exterior, a grandeza exterior, a majestade e a força das montanhas, limpa todos os nossos problemas, mesmo que seja apenas por um segundo. Vocês se esqueceram de si mesmos. Quando há ausência total de vocês mesmos há beleza. Mas nós não estamos livres de nós mesmos; somos pessoas egoístas, preocupadas conosco mesmas, com a nossa importância ou com os nossos problemas, com as nossas agonias, pesares e solidão. Por causa da nossa desesperada solidão queremos nos identificar com uma coisa ou outra, e nos apegamos a uma idéia, a uma crença, a uma pessoa, principalmente a uma pessoa. Da dependência nascem todos os nossos problemas. Onde há dependência psicológica, começa o medo. Quando vocês estão ligados a alguma coisa, começa a corrupção.

O desejo é o impulso mais urgente e vital de nossa vida. Estamos falando sobre o desejo em si, não o desejo por uma coisa em particular. Todas as religiões disseram que se vocês querem servir a deus devem dominar o desejo, destruí-lo, controlá-lo. Todas as religiões disseram: substituam o desejo

por uma imagem que o pensamento criou – a imagem que os cristãos têm, que os hindus têm, e assim por diante. Substituir uma imagem pelo real. O real é desejo, a sua ardência, e eles pensam que se pode dominar esse desejo, substituindo-o por alguma outra coisa. Ou, entreguem-se a quem vocês pensam que é o mestre, o sábio, o guru – o que, ademais, é atividade do pensamento. Este tem sido o modelo do pensamento religioso. Temos que entender todo o movimento do desejo, pois, obviamente, ele não é amor e nem compaixão. Sem o amor e a compaixão, a meditação perde completamente o seu sentido. O amor e a compaixão possuem a sua própria inteligência, que não é a inteligência do pensamento astuto.

Assim, é importante entender a natureza do desejo, por que ele representou uma parte tão extraordinária e importante em nossa vida; como ele distorce a clareza, como impede a extraordinária qualidade do amor. É importante que o entendamos e não o suprimamos, não tentemos controlá-lo ou dirigi-lo para uma determinada direção, a qual vocês pensam que pode lhes dar paz.

Por favor, tenham em mente que o conferencista não está tentando impressioná-los, guiá-los ou ajudá-los. Mas, juntos, estamos palmilhando um caminho muito sutil e complexo. Temos que ouvir uns aos outros para descobrir a verdade a respeito do desejo. Quando se entende o significado, o sentido, a plenitude, a verdade do desejo, então o desejo tem um valor ou impulso completamente diferente em nossa vida.

Quando observamos o desejo, nós o observamos como um estranho olhando para o desejo, ou observamos o desejo como ele nasce? Não o desejo como uma coisa separada de nós mesmos, pois nós somos o desejo. Vocês percebem a diferença? Ou observamos o desejo que temos ao ver alguma coisa que nos agrada na vitrina da loja e temos o desejo de comprá-la, de modo que o objeto é diferente do "eu" ou, de

outro modo, o desejo é "eu" e assim há a percepção do desejo sem o observador percebendo o desejo.

Podemos olhar para uma árvore. "Árvore" é a palavra pela qual reconhecemos aquilo que está de pé no campo. Mas sabemos que a palavra "árvore" não é a árvore. Do mesmo modo, a nossa esposa não é a palavra. Mas fizemos da palavra a nossa esposa. Não sei se vocês percebem todas as sutilezas disto. Devemos entender com muita clareza, desde o início, que a palavra não é a coisa. A palavra "desejo" não é o seu sentimento, o extraordinário sentimento que há por trás dessa reação. Assim, devemos estar muito alertas para não sermos pegos pela palavra. Também o cérebro deve estar ativo o suficiente para ver que o objeto pode criar o desejo, desejo que é separado do objeto. Estamos cônscios de que a palavra não é a coisa e de que o desejo não está separado do observador que está observando o desejo? Estamos cônscios de que o objeto pode criar o desejo, mas que o desejo é independente do objeto?

Como floresce o desejo? Por que há essa extraordinária energia por trás do desejo? Se não entendermos profundamente a natureza do desejo, sempre estaremos em conflito uns com os outros. Podemos desejar uma coisa, e a nossa esposa pode desejar outra, e as crianças podem desejar alguma coisa diferente. Assim, estamos sempre em desacordo uns com os outros. E essa batalha, essa luta, é chamada de amor, relação.

Estamos perguntando: qual é a fonte do desejo? Devemos ser muito verdadeiros nisto, muito honestos, pois o desejo é muito decepcionante, muito sutil, a menos que entendamos a sua raiz. Para todos nós, as respostas sensoriais são importantes – visão, tato, gosto, olfato, audição. E uma determinada resposta sensorial pode, para alguns de nós, ser mais importante do que as outras respostas. Se somos artistas, vemos as coisas de um modo especial. Se somos treinados como engenheiros,

então as respostas sensoriais são diferentes. Assim, nunca observamos completamente, com todas as respostas sensoriais. Cada um de nós responde de certo modo especial, dividido. É possível responder completamente, com todos os nossos sentidos? Vejam a importância disso. Se respondemos completamente, com todos os nossos sentidos, há a eliminação do observador centralizado. Mas, quando respondemos a uma determinada coisa de um modo especial, então começa a divisão. Descubram, quando deixarem esta tenda, quando olharem para as águas correntes do rio, a luz reluzindo sobre a vivacidade das águas, descubram se vocês podem olhá-la com todos os seus sentidos. Não me perguntem como, pois isso se torna mecânico. Mas eduquem-se no entendimento da total resposta sensorial.

Quando vocês vêem alguma coisa, o ver produz uma resposta. Vocês vêem uma camisa verde, ou um vestido verde, o ver acorda a resposta. Então, dá-se o contato. Depois do contato, o pensamento cria a imagem de vocês naquela camisa ou vestido; depois, nasce o desejo. Ou vocês vêem um carro na estrada; ele tem linhas bonitas, é bastante polido e há muito poder por trás dele. Então vocês o rodeiam, examinan o motor. Depois, o pensamento cria a imagem de vocês entrando no carro e dando partida no motor, acelerando, dirigindo. Assim começa o desejo e a fonte do desejo é o pensamento que cria a imagem; até esse ponto não há nenhum desejo. Existem as respostas sensoriais, que são normais, mas, depois, o pensamento cria a imagem e nesse momento começa o desejo. Agora, será possível o pensamento não brotar para criar a imagem? Isto é aprender a respeito do desejo que, em si mesmo, é disciplina. Aprender a respeito do desejo é disciplina, não o seu controle. Se vocês reálmente aprendem a respeito de alguma coisa, ela termina. Mas se vocês dizem que devem controlar o desejo, então já estão num campo completamente diferente. Quando vocês perceberem a integridade deste movi-

mento, descobrirão que o pensamento com a sua imagem não irá interferir; vocês apenas verão, terão a sensação. E o que há de errado nisso?

Somos todos tão doidos a respeito do desejo, queremos nos realizar através dele. Mas não vemos o dano que ele cria no mundo — o desejo de segurança individual, da aquisição individual, do sucesso, de poder, de prestígio. Não sentimos que somos totalmente responsáveis por tudo o que fazemos. Se entendemos o desejo, a sua natureza, então qual é o seu lugar? Ele tem lugar onde há o amor? Será o amor, então, uma coisa tão extraordinariamente externa à existência humana que, na realidade, não tem nenhum valor? Ou será porque nós não estamos percebendo a beleza e a profundidade, a grandeza e o sagrado da sua realidade? Será porque não temos energia, tempo de estudar, de nos educar, de entender o que é? Sem o amor e a compaixão, com a sua inteligência, a meditação tem muito pouco sentido. Sem esse perfume, aquilo que é eterno jamais poderá ser encontrado. Por isso é importante pôr a "casa" da nossa vida, do nosso ser, das nossas lutas, em completa ordem.

19 de julho de 1981.

5

Temos que considerar juntos se o cérebro, que agora opera apenas parcialmente, tem a capacidade de funcionar inteiramente, completamente. Agora, estamos usando apenas uma parte dele, o que podemos observar por nós mesmos. Podemos perceber que a especialização, que pode ser necessária, produz o funcionamento de apenas uma parte do cérebro. Se somos cientistas, nos especializando nessa matéria, naturalmente apenas uma parte do cérebro funciona; se somos matemáticos, dá-se o mesmo. No mundo moderno temos que nos especializar e estamos perguntando se, mesmo assim, é possível permitir ao cérebro que opere inteiramente, completamente.

E outra pergunta que fazemos é a seguinte: o que vai acontecer com a humanidade, com todos nós, quando o computador sobrepujar o homem no pensamento, em exatidão e rapidez, como dizem os especialistas? Com o desenvolvimento do robô, o homem terá apenas, talvez, duas horas de trabalho por dia. Isto poderá acontecer num futuro previsível. Então, o que fará o homem? Será ele absorvido pelo campo da diversão? Isto já está acontecendo: os esportes estão se tornando mais importantes, existe o assistir à televisão e existem as variedades de entretenimento religioso. Ou ele se voltará para o interior, o que não é um entretenimento, mas algo que exige grande capacidade de observação, exame e percepção não-pessoal? Estas são as duas possibilidades. O conteúdo básico da nossa consciência humana é buscar o prazer e evitar o medo. Estará a humanidade cada vez mais

seguindo o entretenimento? Esperemos que estas Reuniões não sejam uma forma de entretenimento.

Agora, pode o cérebro ser totalmente livre para funcionar inteiramente? Porque qualquer especialização, o seguir qualquer caminho, uma determinada rotina habitual ou modelo, inevitavelmente implica que o cérebro está funcionando parcialmente e, portanto, com energia limitada. Vivemos numa sociedade de especialização — engenheiros, físicos, cirurgiões, carpinteiros, e as especializações das crenças, dogmas e rituais particulares. Certas especializações são necessárias, tais como a do cirurgião ou a do carpinteiro; mas, apesar disso, pode o cérebro funcionar completamente, inteiramente e, portanto, possuir uma energia extraordinária? Esta é, acho, uma questão muito séria, a qual temos que indagar juntos.

Se observarmos a nossa própria atividade, descobrimos que o cérebro funciona de modo muito parcial, fragmentariamente, resultando que a nosssa energia torna-se cada vez menor à medida que envelhecemos. Biologicamente, fisicamente, quando somos jovens somos cheios de vitalidade; mas aos sermos instruídos e, depois, seguirmos um modo de vida que necessita de especialização, a atividade do cérebro torna-se reduzida, limitada e a sua energia torna-se cada vez menor.

Embora o cérebro possa ser obrigado a ter uma determinada forma de especialização — não especialização religiosa, porque isso é superstição — como cirurgião, por exemplo, será que ele também pode operar integralmente? Ele só pode operar integralmente, com a tremenda vitalidade de um milhão de anos, quando é completamente livre. A especialização, que agora é necessária para fazer a vida, pode não ser necessária se o computador assumir o comando. Ele não assumirá o comando da cirurgia, obviamente; não assumirá o sentimento da beleza, como quando olhamos para as estrelas à noite, mas pode assumir totalmente o comando de outras funções.

Pode o cérebro humano ser totalmente livre, sem qual-

quer forma de ligação – ligação a determinadas crenças, experiências, e assim por diante? Quando o cérebro está ocupado com problemas, com especialização, com um modo de vida, está numa atividade limitada. Mas quando o computador assumir o comando, essa atividade se tornará cada vez menor e, portanto, gradualmente irá se deteriorando. Isso não é uma coisa para o futuro, está realmente acontecendo agora, se observarmos a nossa própria atividade mental.

Pode a consciência de vocês, com o seu conteúdo básico de medo, da busca do prazer, com todas as implicações do pesar, da dor e do sofrimento, sendo magoado interiormente, e assim por diante, tornar-se totalmente livre? Podemos ter outras formas de consciência – consciência de grupo, consciência racial, consciência nacional, a consciência do grupo católico, do grupo hindu, e assim por diante – mas, basicamente, o conteúdo da nossa consciência é o medo, a busca do prazer e a dor resultante, o sofrimento e, por fim, a morte. Isso compreende o conteúdo central da nossa consciência. Estamos juntos observando todo o fenômeno da existência humana, que é a nossa existência. Somos a humanidade porque a nossa consciência, seja a de um cristão que vive no mundo Ocidental, a de um muçulmano no Oriente Médio ou a de um budista no mundo asiático é, basicamente, o medo, a busca do prazer e a interminável carga de dor, mágoas e de sofrimento. A nossa consciência não é nossa, pessoal. Isto é muito difícil de aceitar, porque fomos tão condicionados, tão instruídos que resistimos ao fato real de que não somos, de modo algum, indivíduos: nós somos a humanidade toda. Esta não é uma idéia romântica, não é um conceito filosófico, não é absolutamente um ideal. É um fato se examinarmos cuidadosamente. Assim, temos que descobrir se o cérebro pode ficar livre do conteúdo da sua consciência.

Senhores, por que os senhores ouvem o conferencista? Será que é porque, ouvindo o conferencista, estão ouvindo a

si mesmos? É isso o que está acontecendo? O conferencista está apenas fazendo uma observação, agindo como um espelho no qual vocês vêem a si mesmos, vêem a realidade da sua própria consciência; não é a descrição que o conferencista está observando, o que se toma apenas uma idéia se vocês nada mais fizerem do que acompanhá-la. Mas se, através da descrição, vocês mesmos perceberem realmente o estado de suas mentes, a sua própria consciência, então ouvir o conferencista tem uma certa importância. E se, no final dessas palestras, vocês disserem para si mesmos: "Eu não mudei, por quê? É culpa sua. Você falou, talvez, durante cinqüenta anos, e eu não mudei", será culpa do conferencista? Ou se dizem: "Eu não fui capaz de pôr em ação isto; naturalmente, é culpa do conferencista." Então vocês se tornam cínicos e fazem todas as espécies de coisas absurdas. Assim, por favor, tenham em mente que estão ouvindo não tanto o conferencista como olhando para a sua própria consciência. Através da descrição feita por meio das palavras – que é a consciência de toda a humanidade. O mundo Ocidental pode acreditar em determinados símbolos religiosos e rituais, o mundo Oriental faz o mesmo; mas por trás de tudo isso está o mesmo medo, a mesma busca de prazer, a mesma carga de cobiça, dor, de ser magoado e querer sair-se bem – tudo isso é comum a toda a humanidade.

Assim, ao ouvir estamos aprendendo a respeito de nós mesmos, não apenas acompanhando a descrição. Estamos realmente aprendendo a olhar para nós mesmos e, portanto, produzindo uma liberdade total, na qual todo o cérebro pode operar. Afinal, a meditação, o amor e a compaixão são operações de todo o cérebro. Quando há a operação do todo, há ordem integral. Quando há ordem integral, interior, há liberdade total. É só então que pode haver alguma coisa intemporalmente sagrada. Isso não é uma recompensa, não é algo a ser obtido; isso, que é eternamente intemporal e sagrado,

acontece apenas quando o cérebro está totalmente livre para funcionar em plenitude.

O conteúdo da nossa consciência é formado por todas as atividades do pensamento. Pode o conteúdo ser sempre livre, de modo a haver uma dimensão totalmente diferente? Assim, vamos observar todo o movimento do prazer. Não há apenas prazer biológico, incluindo o sexual; há também prazer na posse, prazer em ter dinheiro, prazer em obter alguma coisa pela qual vocês trabalharam; há prazer no poder, político ou religioso, no poder sobre uma pessoa; há prazer na aquisição de conhecimento, e na expressão desse conhecimento como professor, escritor, poeta; há a gratificação por levarmos uma vida muito estrita, moral e ascética, o prazer de obter alguma coisa interior, que não é comum ao homem comum. Este tem sido o modelo da nossa existência há milhões de anos. O cérebro foi condicionado a isso e, portanto, tornou-se limitado. Qualquer coisa que seja condicionada é limitada e, portanto, o cérebro, quando está perseguindo as diversas formas do prazer, torna-se, inevitavelmente, pequeno, limitado, estreito. E, provavelmente, realizando isso inconscientemente, procuramos diferentes formas de entretenimento, o alívio através do sexo, por meio de diferentes espécies de realização. Por favor, observem isto em vocês mesmos, em sua própria atividade na vida cotidiana. Se vocês observarem, verão que o nosso cérebro está ocupado todo o dia com uma coisa ou outra, tagarelando, falando interminavelmente, como uma máquina que nunca pára. E, assim, o cérebro gradualmente vai se desgastando, e se tornará inativo se o computador tomar o seu lugar.

Assim, por que os seres humanos estão presos a esta busca perpétua de prazer – por quê? Será porque são completamente sós? Estarão eles fugindo deste sentido de isolamento? Será porque foram desde a infância condicionados a isto? Será porque o pensamento cria a imagem do prazer

e depois a busca? Será o pensamento a fonte do prazer? Por exemplo, tivemos uma espécie de prazer ao comer uma comida muito gostosa, ou o prazer sexual, ou o prazer de sermos lisonjeados, e o cérebro registra esse prazer. Os incidentes que produziram o prazer foram registrados no cérebro e a lembrança desses incidentes de ontem, ou da semana passada, é o movimento do pensamento. O pensamento é o movimento do prazer; o cérebro registrou incidentes, agradáveis e excitantes, que vale a pena lembrar, e o pensamento projeta-os no futuro e os busca. Assim, a pergunta, então, é: por que o pensamento leva adiante a memória de um incidente que já passou e terminou? Isso não faz parte da nossa ocupação? Um homem que quer dinheiro, poder, posição, está perpetuamente ocupado com isso. Talvez o cérebro esteja assim ocupado com a lembrança de algo da semana passada, que deu grande prazer, e que é mantido no cérebro, que o pensamento projeta como prazer futuro e o busca. A repetição do prazer é o movimento do pensamento e, portanto limitado; por conseguinte, o cérebro nunca pode funcionar inteiramente, só pode funcionar parcialmente.

Agora, a questão seguinte que se apresenta é: se este é o modelo do pensamento, como pode o pensamento ser detido, ou melhor, como pode o cérebro parar de registrar o incidente de ontem, que proporcionou prazer? Esta é uma pergunta óbvia, mas por que a fazemos? Por quê? Será porque queremos fugir do movimento do prazer, e essa mesma fuga é já outra forma de prazer? Mas, se vocês perceberem o fato de que o incidente que proporcionou grande deleite, prazer, excitação, acabou, que não é mais uma coisa viva, mas algo que aconteceu há uma semana – foi uma coisa viva, então, mas não o é mais, agora – vocês não podem dar cabo dele, terminá-lo, não levá-lo adiante? A questão não é *como* terminá-lo ou *como* detê-lo. É apenas ver concretamente

como o cérebro, como o pensamento, está operando. Se estivermos cônscios disso, então o próprio pensamento acabará. O registro do prazer está acabado, terminado.

O medo é o estado comum de toda a humanidade, vivam vocês numa casinha ou num palácio, não tenham nenhum trabalho ou tenham trabalho demais, tenham um tremendo conhecimento a respeito de tudo sobre a face da terra ou sejam ignorantes, sejam vocês padres ou os mais altos representantes de deus, ou sejam o que forem, ainda há este medo profundo e enraizado, comum a toda a humanidade. Este é o terreno comum onde pisa toda a humanidade. Não há dúvidas quanto a isto. Trata-se de um fato absoluto, irrevogável, que não pode ser contradito. Enquanto o cérebro estiver aprisionado neste modelo de medo, sua operação é limitada e, portanto, nunca poderá funcionar inteiramente. Assim, é necessário, se a humanidade quiser sobreviver completamente, como seres humanos e não como máquinas, descobrir por si mesmos se é possível ficar totalmente livre do medo.

Estamos preocupados com o próprio medo, não com a expressão do medo. O que é o medo? Quando há medo, existe naquele mesmo momento o reconhecimento do medo? Será o medo descritível no momento em que a reação está acontecendo, ou a descrição vem depois? "Depois" é tempo. Suponhamos que alguém esteja com medo: quer seja medo de alguma coisa, medo de algo que fez no passado e não quer que outra pessoa saiba, ou aconteceu alguma coisa no passado que novamente desperta o medo, ou existe um medo por si mesmo sem um objeto? No segundo em que o medo acontece nós o chamamos de medo? Ou isso acontece somente depois? Certamente que é depois de ter acontecido. Isso significa que os incidentes anteriores de medo, que foram mantidos no cérebro, são lembrados imediatamente após a reação acontecer; a memória diz: "Isso é medo." Na proximidade da reação não o chamamos de medo. É somente depois de acontecer que o chamamos de medo. Nós o chamamos de medo pela

lembrança de outros incidentes surgidos, os quais foram chamados de medo. Lembramo-nos desses medos do passado e surge uma nova reação, que imediatamente identificamos com a palavra medo. Isso é bastante simples. Assim, sempre há a memória operando no presente.

Então, o medo é tempo? – O medo de alguma coisa que aconteceu há uma semana, que produziu esta sensação que nós chamamos de medo e a sua implicação futura, de que não deva acontecer de novo; no entanto, ela pode acontecer de novo; logo, temos medo dela. Assim, nós nos perguntamos: será o tempo a origem do medo?

Assim, o que é o tempo? O tempo mostrado no relógio é muito simples. O sol nasce numa determinada hora e se põe numa determinada hora – ontem, hoje e amanhã. Essa é a seqüência natural do tempo. Há também o tempo psicológico, interior. O incidente que aconteceu na semana passada, que deu prazer ou que despertou o sentido do medo, é lembrado e projetado no tempo – eu posso perder minha posição, posso perder meu dinheiro, posso perder minha esposa – futuro. Assim, será o medo parte do tempo psicológico? Parece. E o que é o tempo psicológico? Não é apenas o tempo físico que precisa de espaço, mas também o tempo psicológico precisa de espaço – ontem, a semana passada, modificados hoje, amanhã. Há espaço e tempo. Isso é simples. Assim, será o medo o movimento do tempo? Assim, o pensamento é tempo e o tempo é o medo, obviamente. Tivemos medo no dentista. Isto está armazenado, é lembrado, projetado; esperamos não ter de novo aquela dor – o pensamento se movimentando. Assim, o medo é um movimento do pensamento no espaço e no tempo. Se percebemos isso, não como uma idéia, mas como uma realidade (o que significa que temos que dar a esse medo atenção completa no momento em que ele nasce), então ele não é registrado. Façam isto e descobrirão por vocês mesmos. Quando vocês dão atenção completa a um

insulto, não existe o insulto. Ou se alguém aparece e diz: "Que pessoa maravilhosa você é" e você presta atenção, isso não causa nenhum efeito. O movimento do medo é o pensamento no tempo e no espaço. Este é um fato. Não é algo descrito pelo conferencista. Se vocês observaram por si mesmos, depois, será um fato absoluto, vocês não podem fugir dele. Vocês não podem fugir de um fato; ele existe sempre. Vocês podem tentar evitá-lo, podem tentar suprimi-lo, tentar todas as espécies de fuga, mas ele sempre existirá. Se vocês derem atenção completa ao fato de que o medo é o movimento do pensamento, então não existirá o medo, psicologicamente. O conteúdo do nosso consciente é o movimento do pensamento no tempo e no espaço. Seja esse tempo muito limitado, ou vasto e extenso, ainda assim é um movimento no tempo e no espaço.

O pensamento criou muitas formas diferentes de poder em nós, psicologicamente, mas todas elas são limitadas. Quando há a libertação da limitação há um surpreendente sentido de poder, não o poder mecânico, mas um extraordinário sentido de energia. Isso nada tem a ver com o pensamento e, portanto, esse poder, essa energia, não podem ser mal-empregados. Mas se o pensamento diz: "vou usá-la", então esse poder, essa energia é dissipada.

Outro fator que existe em nossa consciência é o pesar, o desgosto, a dor e as mágoas que permanecem na maioria dos seres humanos desde a infância. Esse ferimento psicológico, a sua dor, é lembrada, resiste; o desgosto nasce dele, o pesar está envolvido com ele. Há o pesar global da humanidade, que deparou com milhares e milhares de guerras, pelas quais milhões de pessoas choraram. A máquina da guerra ainda está conosco, dirigida pelos políticos, reforçada pelo nosso nacionalismo, pelo sentimento de que estamos separados dos demais, "nós" e "eles", "você" e "eu". É um pesar global o que os políticos estão construindo, construindo cada vez mais.

Estamos prontos para outra guerra e, quando nos preparamos para alguma coisa, há uma espécie de explosão em algum lugar – pode não ser no Oriente Médio, pode acontecer aqui. Uma vez que estamos nos preparando para alguma coisa, vamos consegui-la; é como preparar a comida. Mas somos tão estúpidos, que tudo isto continua, inclusive o terrorismo.

Estamos perguntando se todo este modelo de estarmos magoados, de conhecermos a solidão e a dor, de resistirmos, de nos recolhermos, de nos isolarmos, o que causa dor física; pode ter um fim; se o desgosto, o pesar de perdermos alguma crença preciosa que temos mantido, ou a desilusão que vem de perdermos alguém que havíamos seguido, por quem lutamos, nos entregando, pode também ter um fim. É possível sermos *sempre* livres de tudo isto? É possível, se nos aplicarmos, e não apenas falarmos interminavelmente sobre isto. Nestas circunstâncias, percebemos que estamos magoados psicologicamente desde a infância, vemos todas as conseqüências desse ferimento a que resistimos, do qual nos retraímos, não querendo mais ser feridos. Nós encorajamos o isolamento e, portanto, construímos um muro em volta de nós mesmos. Em nossas relações, estamos fazendo o mesmo.

As conseqüências de sermos feridos desde a infância são a dor, a resistência, o recolhimento, o isolamento, um medo cada vez mais profundo. E, como disse o conferencista, há o pesar global da humanidade; os seres humanos têm sido torturados pelas guerras, torturados pelas ditaduras, pelo totalitarismo, torturados nas diversas partes dos mundo. E há o pesar pelo meu irmão, pelo meu filho, pela minha mulher, que fugiu ou que morreu; o pesar da separação, o pesar que acontece quando um está profundamente interessado em alguma coisa e o outro não está. Em todo este pesar não há nenhuma compaixão, nenhum amor. O fim do pesar traz o amor – não o prazer, não o desejo, mas o amor. Quando há amor, há compaixão, e disso nasce a inteligência, que nada tem a ver com a "inteligência" do pensamento.

Temos que olhar muito cuidadosamente para nós mesmos como humanidade, para o motivo pelo qual carregamos todas estas coisas em nossas vidas, o motivo pelo qual jamais demos fim a esta condição. Será em parte pela indolência, em parte pelo hábito? Geralmente, dizemos: "faz parte do nosso hábito, parte do nosso condicionamento. O que posso fazer? Como posso me descondicionar? Não consigo encontrar a resposta, vou até o guru na porta ao lado", ou mais longe, ao padre, ou a este ou àquele. Nós nunca dizemos: "Vamos olhar cuidadosamente para nós mesmos e perceber se podemos vencer isto, como qualquer outro hábito." O hábito de fumar pode ser suspenso, ou o hábito das drogas e do álcool. Mas dizemos: "Que importância tem? Estou envelhecendo, de qualquer maneira o corpo está se destruindo, assim, que importância tem um pouco mais de prazer?" E assim prosseguimos. Não nos sentimos completamente responsáveis por todas as coisas que fazemos. Pelo contrário, culpamos o nosso meio, a sociedade, os nossos pais, a hereditariedade; achamos alguma desculpa, mas nunca nos aplicamos. Se realmente tivéssemos o anseio, o anseio imediato de descobrir por que estamos feridos, isso pode ser feito. Estamos feridos porque construímos uma imagem de nós mesmos. Isto é um fato. Quando dizemos: "estou ferido", é a imagem que temos a nosso próprio respeito que está ferida. Alguém aparece e pisa com sua bota essa imagem, e nós nos ferimos. Nós nos ferimos pela comparação: "Eu sou isto, mas outra pessoa é melhor." Enquanto tivermos uma imagem de nós mesmos, vamos nos ferir. Este é um fato e, se não prestarmos atenção a esse fato, mas retivermos uma imagem de nós mesmos, de qualquer espécie, alguém vai espetar nela um alfinete e vamos nos ferir. Se fazemos uma imagem de nós mesmos como alguém que se dirige a grandes audiências, é famoso e conseguiu uma reputação que deseja manter, então alguém irá ferir essa imagem – alguém que tenha uma audiência

maior. Se dermos atenção completa à imagem que temos de nós mesmos – atenção, não concentração, mas atenção –, então veremos que a imagem não tem sentido e desaparece.

21 de julho de 1981.

6

Acho que devemos discutir juntos, de preferência em profundidade, a implicação do pesar, de modo a descobrir por nós mesmos se o pesar e o amor podem coexistir. E, também, qual é a nossa relação com o pesar da humanidade? Não apenas com o desgosto, o ferimento ou a dor pessoal, ou com o pesar que surge com a morte. A humanidade tem sofrido milhares de guerras; parece não haver fim para as guerras. Deixamos isto para os políticos de todo o mundo, para realizarem a paz, mas o que eles estão fazendo, se vocês entenderam, jamais trará a paz. Estamos todos nos preparando para a guerra. As preparações vão ter alguma espécie de explosão em algum lugar no mundo. Nós, seres humanos, nunca fomos capazes de viver em paz uns com os outros. Falamos bastante sobre isto. As religiões pregaram a paz – paz e boa vontade na terra – mas, aparentemente, nunca foi possível ter paz na terra, na terra em que vivemos, que não é a terra inglesa ou a terra francesa: é a nossa terra. Nunca fomos capazes de resolver o problema de matarmos uns aos outros.

Provavelmente, temos violência em nossos corações. Nunca estamos livres do sentido de antagonismo, um sentido de retaliação, nunca estamos livres dos nossos medos, pesares, ferimentos e da dor da existência diária; nunca temos paz e conforto, estamos sempre em agonia. Isso faz parte da nossa vida, parte do nosso sofrimento diário. O homem tentou muitos modos de ficar livre deste sofrimento sem amor; ele o suprimiu, fugiu dele, identificou-se com alguma coisa maior, entregou-se a algum ideal, crença ou fé. Aparentemente, este

pesar nunca pode terminar; nós nos acostumamos com ele, contribuímos para que ele exista; nós o toleramos e nunca nos perguntamos com seriedade, com grande sentido de percepção, se é possível dar-lhe um fim.

Devíamos também discutir juntos as imensas implicações da morte. A morte faz parte da vida, embora geralmente nós adiemos ou até mesmo evitemos falar dela. Ela existe e devemos discuti-la. E, também, devíamos indagar se o amor – não a lembrança do prazer, que nada tem a ver com o amor e a compaixão – se o amor, com a sua própria e peculiar inteligência, que a tudo abrange, pode existir em nossa vida.

Primeiro: como seres humanos, queremos nos livrar realmente do pesar? Já alguma vez realmente discutimos isso, enfrentamos isso e entendemos todo o seu movimento, as implicações envolvidas nisso? Por que é que nós, seres humanos – que somos tão extraordinariamente talentosos no mundo tecnológico –, nunca resolvemos o problema do pesar? É importante discutirmos esta questão juntos e descobrir por nós mesmos se o pesar pode realmente terminar.

Nós todos sofremos de vários modos. Há o pesar pela morte de alguém, há o pesar pela grande pobreza – o que o Oriente conhece muito bem – e o grande pesar da ignorância, "ignorância" não no sentido do conhecimento dos livros, mas a ignorância de não nos conhecermos a nós mesmos totalmente, a toda a complexa atividade do eu. Se não entendermos isso profundamente, então permanece o pesar por essa ignorância. Há o pesar de nunca sermos capazes de perceber alguma coisa fundamentalmente, profundamente, embora sejamos muito talentosos em alcançar o sucesso tecnológico e outros sucessos neste mundo. Nós nunca fomos capazes de entender a dor, não apenas a dor física, mas a profunda dor psicológica, por mais instruídos ou pouco instruídos que possamos ser. Há o pesar pela constante luta, o conflito desde o momento em que nascemos até a morte. Há o pesar pessoal

por não sermos bonitos, externa ou internamente. Há o pesar da ligação, com o seu medo, com a sua corrupção. Há o pesar por não ser amado e a súplica para ser amado. Há o pesar de nunca perceber algo além do pensamento, algo eterno. E, finalmente, há o pesar pela morte.

Descrevemos vários modos de pesar. O fator básico do pesar é a atividade centrada em nós mesmos. Estamos todos tão preocupados com nós mesmos, com os nossos intermináveis problemas, com a velhice, com não sermos capazes de ter um ponto de vista profundo e interno que seja global. Nós todos fazemos uma imagem de nós mesmos e dos outros. O cérebro está sempre ativo, sonhando acordado, ocupando-se com uma ou outra coisa, ou criando quadros e idéias através da imaginação. Desde a infância, nós construímos gradualmente a estrutura da imagem que é o "eu". Cada um de nós está fazendo isso constantemente; é essa imagem, que é o "eu", que se fere. Quando o "eu" é ferido, existe a resistência, a construção de um muro em volta de nós mesmos para não mais sermos feridos; e isso cria mais medo e isolamento, o sentimento de não termos nenhuma relação, o encorajamento à solidão, que também produz o pesar.

Após ter descrito as várias formas do pesar, podemos acaso olhar para ele sem verbalizações, sem fugir para uma adaptação intelectual, para alguma forma de conclusão religiosa ou intelectual? Podemos olhá-lo completamente, sem nos afastarmos dele, mas permanecendo com ele? Suponhamos que eu tenha um filho que é surdo ou cego; eu sou responsável, e dá pesar saber que ele jamais poderá olhar para um belo céu, jamais poderá ouvir as àguas correntes. Há este pesar: permaneçam com ele, não se afastem dele. Ou suponhamos que eu tenha um grande pesar pela morte de alguém com quem vivi durante muitos anos. Então, há este pesar, que é a essência do isolamento; nós nos sentimos totalmente isolados, completamente sós. Agora, permaneçam completa-

mente com esse sentimento, não o verbalizando, não o racionalizando, dele fugindo ou tentando transcendê-lo — tudo isso é o movimento que o pensamento produz. Quando há este pesar e o pensamento de modo algum o penetra — o que significa que você está completamente pesaroso, não tentando dominar o pesar, mas está totalmente pesaroso — então, ele desaparece. Só quando há a fragmentação do pensamento é que há a agonia.

Quando há o pesar, permaneçam com ele sem um único movimento do pensamento, de modo que ele exista em sua totalidade. A totalidade do pesar não é eu estar em pesar, eu estar pesaroso — e, então, não há nenhuma fragmentação nisso. Quando há essa totalidade do pesar, sem haver nenhum afastamento, então há o seu desaparecimento.

Sem o fim do pesar, como pode haver o amor? De modo estranho, nós associamos o pesar e o amor. Eu amo o meu filho e, quando ele morre, fico todo pesaroso — nós associamos o pesar com o amor. Agora, estamos perguntando: quando há sofrimento, pode existir o amor? Mas será o amor desejo? Será o amor prazer, de modo que quando esse desejo, esse prazer é negado há sofrimento? Dizemos que o sofrimento, como o ciúme, a ligação, a posse, todos fazem parte do amor. É esse o nosso condicionamento, é assim que somos educados; isso faz parte da nossa herança, da nossa tradição. Agora, o amor e o pesar não podem andar juntos. Essa não é uma afirmação dogmática, ou uma asserção retórica. Quando olhamos para a profundidade do pesar e entendemos o seu movimento, no qual está envolvido o prazer, o desejo, a ligação e as conseqüências dessa ligação, que produzem a corrupção, quando estamos cônscios sem qualquer escolha, sem qualquer movimento, cônscios de toda a natureza do pesar, então, pode o amor existir juntamente com o pesar? Ou será o amor uma coisa inteiramente diferente? Devemos esclarecer que a devoção a uma pessoa, a um símbolo, à famí-

lia, não é amor. Se eu sou devotado a vocês por várias razões, há um motivo por trás dessa devoção. O amor não tem nenhum motivo. Se há um motivo não é amor, obviamente. Se vocês me proporcionam prazer, sexualmente, ou diversas formas de conforto, então há a dependência; o motivo é a minha dependência de vocês, porque vocês me dão alguma coisa em troca; e como vivemos juntos, eu chamo a isto de amor. Será? Assim, questionamos tudo isso e nos perguntamos: onde há um motivo pode existir amor?

Onde há ambição, seja no mundo físico ou no mundo psicológico – ambição de estar por cima de tudo, de ser um grande sucesso, de ter poder, religiosa ou fisicamente – pode existir amor? É óbvio que não. Reconhecemos que ele não pode existir e ainda assim insistimos. Olhem o que acontece com o cérebro quando pregamos esses truques. Eu sou ambicioso, espiritualmente quero estar perto de deus, principalmente do seu lado direito; quero alcançar a iluminação – vocês sabem, todo esse equívoco; vocês não podem alcançar a iluminação; provavelmente, vocês não possam alcançar aquilo que está além do tempo. A competitividade, a conformidade, o ciúme, o medo, o ódio, tudo isso continua, psicologicamente, interiormente. Ou estamos cônscios disto ou, deliberadamente, o evitamos. No entanto, eu digo para a minha esposa ou para o meu pai, seja lá para quem for, "eu amo você". O que acontece quando há uma contradição tão profunda em minha vida, no meu relacionamento? Como pode esta contradição ter qualquer sentido de profunda integridade? E, no entanto, é isso o que fazemos até a morte. Pode alguém viver neste mundo sem a ambição, sem a competitividade? Olhem para o que está acontecendo no mundo exterior. Existe a competição entre as várias nações; os políticos estão competindo uns com os outros, economicamente, tecnologicamente, multiplicando os instrumentos de guerra; e, assim, estamos nos destruindo a nós mesmos. Permitimos que isso continue porque também somos competitivos interiormente.

Como observamos, se uns poucos realmente entenderem o que estivemos conversando nos últimos cinqüenta anos, e realmente estiverem profundamente envolvidos e tiverem conseguido o fim do medo, do pesar, e assim por diante, então, isso afetará toda a consciência da humanidade. Talvez vocês duvidem que isso possa afetar a consciência da humanidade. Hitler e o seu grupo afetaram a consciência da humanidade – Napoleão, os Césares, os carniceiros do mundo afetaram a humanidade. Também as boas pessoas afetaram a humanidade – não estou me referindo às pessoas respeitáveis. Os bons são aqueles que vivem a vida integralmente, não fragmentadamente. Os grandes mestres do mundo afetaram a consciência humana. Mas, se há um grupo de pessoas que entendeu o que estivemos falando – não verbalmente, mas realmente, vivendo a vida com grande integridade –, então, isso afetará toda a consciência do homem. Isso não é uma teoria. É um fato real. Se vocês entenderem esse simples fato, verão que ele atinge vocês diretamente; a televisão, os jornais, tudo está afetando a consciência do homem. Assim, o amor não pode existir onde há um motivo, onde há ligação, onde há ambição e competitividade; o amor não é desejo e prazer. Apenas sintam isso, percebam isso.

Estamos discutindo tudo isto de modo a produzir ordem em nossa vida – ordem em nossa "casa", que não tem nenhuma ordem. Há muita desordem em nossa vida e, sem estabelecer uma ordem que seja total, integral, a meditação não tem qualquer sentido. Se a nossa "casa" não estiver em ordem, podemos nos sentar em meditação, na esperança de produzir, pela meditação, a ordem; mas o que acontece quando estamos vivendo em desordem e meditamos? Temos sonhos fantasiosos, ilusões e toda espécie de resultados absurdos. Mas um homem sensato, inteligente e lógico, primeiro deve estabelecer ordem na vida diária; depois, ele pode adentrar pelas profundezas da meditação, do seu sentido e da sua beleza, da sua grandeza, da sua validade.

Quer sejamos muito jovens, de meia-idade ou velhos, a morte faz parte da nossa vida, assim como o amor, a dor, a desconfiança e a arrogância fazem parte da vida. Mas não percebemos a morte como parte da nossa vida; nós queremos adiá-la ou colocá-la tão distante de nós quanto for possível, e então temos um intervalo de tempo entre a vida e a morte. O que é a morte? Esta questão, de novo, é bem complexa.

O conceito cristão de morte e sofrimento e a conclusão asiática sobre a reencarnação são apenas crenças e, como todas as crenças, não têm substância. Assim, deixemos de lado esses conceitos e vamos discutir a morte juntos. Pode ser desagradável, vocês podem não querer defrontá-la. Vocês, agora, estão vivos, saudáveis, sentindo prazer, medo, ansiedade e há a esperança do amanhã, e vocês não querem se preocupar com o fim de tudo isto. Mas, se somos inteligentes, sensatos e racionais, temos que defrontar não apenas o viver e todas as implicações do viver, mas também as implicações da morte. Temos que conhecer a ambas. Essa é a integridade da vida, na qual não há nenhuma divisão. Assim, o que é a morte, pondo-se de lado o término físico de um organismo que viveu erradamente, viciado na bebida, nas drogas e na superindulgência, ou no asceticismo e na negação? O corpo experimenta essa constante batalha dos opostos, não tem uma vida equilibrada e harmoniosa, mas de extremos. O corpo também experimenta uma grande tensão, imposta pelo pensamento. O pensamento dita e, assim, o corpo é controlado e, como o pensamento, é limitado, produz desarmonia. Ele nos obriga a viver fisicamente em desarmonia, forçando, controlando, subjugando, dirigindo o corpo — é isto o que todos nós estamos fazendo, inclusive jejuando por razões políticas ou religiosas, o que é uma violência. O corpo pode suportar tudo isto por muitos anos, atingindo a velhice sem ficar senil. Mas o corpo, inevitavelmente, chegará a um fim, o organismo morrerá. Será isso a morte? Será que estamos preocupados com o fim do

organismo, seja por causa de uma doença, pela velhice ou por acidente? Será que o pensamento se identifica com o corpo, com o nome, com a forma, com todas as lembranças e diz: "a morte deve ser evitada"? Será que temos medo de chegar ao fim de um corpo que tem sido atendido, que tem sido cuidado? Talvez não estejamos com medo disso, especialmente, talvez estejamos dissimuladamente ansiosos a esse respeito, mas isso não é de grande importância. Muito mais importante para nós é o fim das relações que tivemos, dos prazeres que experimentamos, das lembranças, agradáveis e desagradáveis, tudo o que compõe aquilo que chamamos de viver a vida — a vida diária, ir para o escritório, para a fábrica, fazer algum trabalho hábil, ter uma família, estar preso à família, com todas as lembranças dessa família, meu filho, minha filha, minha esposa, meu marido, na unidade familiar — que está desaparecendo rapidamente. Há o sentimento de estarmos relacionados com alguém, embora nessa relação possa haver grande dor e ansiedade; o sentimento de estarmos em casa com alguém, ou de não estarmos em casa e sozinhos. É disso que temos medo? Do fim das minhas relações, das minhas ligações, o fim de uma coisa que eu conheci, algo a que me agarrei, naquilo que me especializei a vida toda. Estarei com medo do fim de tudo isso? Isso é o fim de tudo que é "eu" — da família, do nome, da casa, da tradição, da herança, da educação cultural e da herança racial, tudo o que é "eu", o "eu" que está lutando ou que é feliz. É disso que temos medo? Do fim do "eu", que, psicologicamente, é o fim da vida que estou levando, a vida que eu conheço, com a sua dor e o seu pesar. É disso que temos medo?

Se temos medo da morte e não resolvemos esse medo, mesmo assim a morte chega inevitavelmente. Então, o que acontece com essa consciência, que não é a sua consciência mas a consciência da humanidade, a consciência da imensa totalidade da humanidade? Se tenho medo, como indivíduo,

com a minha consciência limitada, é disso que tenho medo. É isso o que me amedronta. Percebemos que não é verdadeiro que a minha consciência seja totalmente separada da consciência de todo mundo – percebemos que esse separatismo é uma ilusão, é ilógico, doentio. Desse modo, percebemos, talvez, em nosso coração, em nosso sentimento, que somos a humanidade toda – não uma consciência individual, coisa que não faz nenhum sentido. E levamos esse tipo de vida, que é dor, pesar, ansiedade; e se o nosso cérebro não transformou um pouco disso tudo, a nossa vida é apenas mais uma confusão para essa totalidade. Mas, se percebemos que a nossa consciência é a consciência da humanidade e que somos totalmente responsáveis pela consciência humana, então, a libertação dos limites dessa consciência torna-se algo extraordinariamente importante. Quando há essa libertação, então estamos contribuindo para a derrubada da limitação dessa consciência. Então, a morte tem um sentido totalmente diferente.

Vivemos uma assim chamada vida individual, preocupados com nós mesmos e com os nossos problemas. Esses problemas nunca terminam; eles aumentam. Vivemos essa espécie de vida. Fomos criados, educados, condicionados a essa espécie de vida. Você vem a mim como um amigo – você gosta de mim, ou me ama – e você me diz: "olhe, a sua consciência não é sua, você sofre como as outras pessoas sofrem". Eu ouço e não rejeito o que você me diz, pois isso faz sentido, é sensato e eu percebo que, pelo que você me diz, pode, talvez, haver paz no mundo. E digo para mim mesmo: "Agora, posso ficar livre do medo?" Percebo que sou totalmente responsável por toda a consciência. Percebo, quando estou investigando o medo, que estou ajudando toda a consciência humana a reduzir o seu medo. Então, a morte tem um sentido totalmente diferente. Eu não tenho mais fantasias de que vou sentar-me ao lado de deus ou de que vou para o céu sobre alguma peculiar nebulosa. Estou vivendo a vida que não é a

minha vida particular. Estou vivendo a vida de toda a humanidade e, se eu entender a morte, se eu entender o desgosto, estou purificando toda a consciência da humanidade. Por isso é importante entender o sentido da morte e, talvez, descobrir que a morte possui um grande significado, uma grande relação com o amor, porque, quando você termina alguma coisa, o amor passa a existir. Quando você termina completamente uma ligação, então o amor existe.

23 de julho de 1981.

7

Falamos a respeito do complexo problema da existência, a respeito da formação das imagens em nossas relações uns com os outros e das imagens que o pensamento projeta e que nós reverenciamos. Falamos a respeito do medo, do prazer, do fim do pesar e sobre a questão do que é o amor, pondo de lado toda a agonia que está implicada no, assim chamado, amor. Falamos a respeito da compaixão para com a sua inteligência e a respeito da morte. Devemos, agora, falar sobre religião.

Muitos intelectuais de todo o mundo se intimidam com o assunto da religião. Eles percebem o que as religiões são no mundo atual, com as suas crenças, dogmas, rituais e a organização hierárquica dos seus sistemas; e, de preferência, zombam e fogem de qualquer coisa relacionada com a religião. E, ao envelhecerem, ao se aproximarem daquele limiar chamado morte, freqüentemente retornam ao seu antigo condicionamento: eles se tornarão católicos ou irão em busca de algum guru, na Índia ou no Japão. A religião no mundo todo perdeu a sua credibilidade e não tem mais nenhuma significação na vida diária. Quanto mais vocês examinam, mais vocês se tornam cônscios do conteúdo de todas as estruturas religiosas, mais vocês se tornam céticos a respeito de todo o negócio e, assim como os intelectuais, vocês nada têm a fazer com elas. E os que não são céticos tratam a religião de modo romântico, emocional ou como uma forma de entretenimento.

Se deixarmos de lado as atitudes intelectuais, românticas e sentimentais com relação às religiões, podemos, então,

começar a perguntar, não com ingenuidade, mas com seriedade: o que é religião? Sem olharmos apenas para o sentido dessa palavra, mas profundamente. O homem, desde os tempos antigos, sempre pensou que deve haver alguma coisa além da vida diária comum, da miséria comum, da confusão e do conflito da vida diária. Na sua procura, ele inventou todas as espécies de filosofias, criou todas as espécies de imagens — desde aquelas dos antigos egípcios e dos antigos hindus até as dos tempos modernos — sempre, aparentemente, sendo apanhado por alguma espécie de engano. Ele se engana a si mesmo e, por meio desses enganos, cria todas as espécies de atividades. Se pudéssemos varrer tudo isso, sem nos hipnotizarmos, livres da ilusão, então poderíamos examinar, indagar muito profundamente se existe algo além de todo o contágio do pensamento, de toda a corrupção do tempo, além da nossa existência habitual no espaço e no tempo e se há algum caminho para isto, ou nenhum caminho, e como a mente pode alcançá-lo, ou chegar até lá. Se fazemos esta pergunta, então, como devemos nos aplicar a ela? Será necessário alguma espécie de preparação — de disciplina, de sacrifício, de controle, um certo período de preparação, para depois avançar?

Em primeiro lugar, é importante entender que devemos estar livres de todas as ilusões. Assim, o que cria as ilusões? Não será o desejo de alcançar alguma coisa, de experimentar alguma coisa fora do comum — percepção extra-sensorial, visões, experiências espirituais? Devemos ser bem claros quanto à natureza do desejo e entender o movimento do desejo, que é o pensamento com a sua imagem e, também, não ter nenhum motivo em nossa indagação. Pode parecer muito difícil não ter nenhuma intenção, não ter nenhum sentido de direção, de modo que o cérebro fique livre para indagar. Deve haver ordem na nossa casa, na nossa existência, nas nossas relações, na nossa atividade. Sem ordem, que é a liberdade, não pode haver nenhuma virtude. A virtude, a

correção não é uma coisa que possa ser cultivada intelectualmente. Onde há ordem há virtude; essa ordem é uma coisa viva; não uma rotina, um hábito.

Em segundo lugar: há alguma coisa a ser aprendida? Há alguma que possa ser aprendida de outra pessoa? Podemos aprender com uma outra pessoa história, biologia, matemática, física; todo o complexo conhecimento do mundo tecnológico pode ser aprendido com outra pessoa, com os livros. Há alguma coisa que possa ser aprendida com a psicologia a respeito das nossas vidas, a respeito do que é eterno? Se é que existe alguma coisa eterna. Ou nada há a aprender de outra pessoa, porque toda a experiência humana, todo o conhecimento psicológico que a humanidade reuniu durante milhões de anos está dentro de nós mesmos. Se é assim, se a nossa consciência é a consciência de toda a humanidade, então parece um tanto absurdo, um tanto ingênuo, tentar aprender de outra pessoa a respeito de nós mesmos. Isso de aprender a respeito de nós mesmos exige completa clareza de observação. Isso é simples. Assim, não há nenhuma autoridade psicológica e nenhuma autoridade espiritual, porque toda a história do gênero humano, que é a história da humanidade, está em nós mesmos. Portanto, não há nada a experimentar. Não há nada a ser aprendido de alguém que diga: "eu sei" ou "eu lhes mostrarei o caminho para a verdade" — dos sacerdotes do mundo todo, dos intérpretes entre o mais alto e o mais inferior. Para aprender, para nos entender a nós mesmos, toda autoridade deve ser deixada de lado. É óbvio. A autoridade faz parte de nós mesmos; somos o sacerdote, o discípulo, o professor, somos a experiência e o fim — se soubermos como compreender.

Não há nada a ser aprendido de ninguém, inclusive do conferencista; e, principalmente, ninguém deve deixar-se influenciar pelo conferencista. Temos que ser livres para indagar com muita profundidade, não superficialmente. Podemos ter feito toda a indagação superficial durante os últimos cinco

ou cinqüenta anos e chegado a atingir uma certa ordem em nossas vidas e, ao prosseguirmos, podemos estabelecer mais ordem, e, assim, podemos perguntar: qual é a mente religiosa que pode entender o que é a meditação?

Nos últimos quinze anos, essa palavra meditação tornou-se muito popular no Ocidente. Antes disso, muito poucas pessoas, as que estiverem na Ásia, haviam indagado sobre as formas orientais de meditação. Os asiáticos disseram que somente através da meditação alguém pode chegar a, ou entender, aquilo que é intemporal, que não possui nenhuma medida. Mas, mais recentemente, aqueles que nada mais têm a fazer senão se chamarem de gurus, vieram para o Ocidente trazendo essa palavra, que faz a meditação parecer-se com uma droga. Há também os vários sistemas de meditação – o tibetano, o hindu, o zen japonês, e assim por diante. Esses sistemas foram inventados pelo pensamento e, sendo o pensamento limitado, os sistemas são, inevitavelmente, limitados. Eles também se tornam mecânicos, pois se você repete, repete, a sua mente, naturalmente, fica embotada, um pouco estúpida e completamente crédula. Tudo isso é senso comum, mas há uma tal avidez de experimentar algo de espiritual, seja através das drogas, do álcool ou seguindo um sistema de meditação que, como se espera, proporcione uma espécie de experiência excitante; existe um grande enfado com a vida diária, com o fato de termos de ir para o escritório durante os próximos quarenta anos e, ao final, morrer; há um tédio tão grande com relação às religiões estabelecidas que, quando alguém aparece com algumas noções fantásticas, as pessoas se deixam iludir. É isso o que está acontecendo; não é nenhum exagero, isso não é atacar ninguém pessoalmente, mas uma afirmação do contra-senso que está ocorrendo.

Assim, se estivermos superficialmente cônscios de tudo isto, nós o poremos de lado, pois trata-se de algo completamente sem sentido; não temos que ir à Índia, ao Tibete, a

Roma, se usarmos o senso comum e tivermos uma mente crítica que esteja questionando o que os outros dizem, bem como nos questionando. É importante questionar tudo o que considerarmos correto e nobre, ou uma experiência real, e é essencial manter uma mente capaz, racional, sensata, livre de todas as ilusões e de quaisquer formas de auto-hipnose.

Então, o que é o ser humano? O ser humano tem vivido do pensamento; toda a arquitetura, toda a música, as coisas que estão dentro das igrejas, os templos e mesquitas, tudo foi inventado pelo pensamento. Todas as nossas relações estão baseadas no pensamento; embora digamos: "eu amo você", isso também está baseado na imagem que o pensamento criou do outro. O pensamento, para o ser humano, é surpreendentemente importante; e o próprio pensamento é limitado, a sua ação é produzir a divisão — a divisão entre as pessoas — a minha religião, o meu país, o meu deus, a minha crença, em oposição à sua, tudo isso é o movimento do pensamento, do espaço e do tempo.

A meditação é a capacidade do cérebro que não está mais funcionando apenas de modo parcial — do cérebro que se libertou do seu condicionamento e, portanto, está funcionando como um todo. A meditação desse cérebro é diferente da mera contemplação de uma pessoa condicionada como cristã ou hindu, e cuja contemplação é feita através de uma formação passada, de uma mente condicionada. A contemplação não liberta ninguém do condicionamento. A meditação exige uma grande indagação e se torna extraordinariamente séria, não podendo funcionar parcialmente. Por parcialmente queremos dizer funcionar numa determinada especialização ou numa ocupação particular, que torna o cérebro estreito para a aceitação de crenças, tradições, dogmas e rituais, tudo inventado pelo pensamento. Os cristãos usam a palavra "fé" — fé em deus e na providência, de modo que as coisas sairão bem. Os asiáticos têm as suas próprias formas de fé — karma,

reencarnação e evolução espiritual. A meditação é diferente da contemplação no sentido de que a meditação exige que o cérebro aja por inteiro e não esteja mais condicionado a agir parcialmente. Essa é a exigência para a meditação; do contrário, ela não tem sentido.

Assim, a pergunta é: é possível viver neste mundo, que exige determinadas formas de especialização — o mecânico habilidoso, o matemático ou a dona-de-casa — é possível ficar, no entanto, livre da especialização? Suponhamos que eu seja um físico teórico e tenha passado a maior parte da minha vida fazendo fórmulas matemáticas, pensando nisso, indagando, cultivando um considerável conhecimento a esse respeito, de modo que o meu cérebro tornou-se especializado, reduzido e, então, eu começo a indagar sobre a meditação. Então, na minha indagação sobre meditação eu apenas posso entender parcialmente a sua significação e a sua profundidade, porque estou ancorado em outra coisa, na física teórica da minha profissão; estando assim ancorado, eu começo a indagar teoricamente se existe a meditação, se existe o intemporal; assim, minha indagação torna-se de novo parcial. Mas eu tenho que viver neste mundo; sou professor universitário, tenho mulher e filhos, tenho essa responsabilidade e, talvez, também esteja doente; no entanto, eu quero indagar muito profundamente a natureza da verdade, que é parte da meditação. Assim, a pergunta é: será possível ser especializado como físico teórico e ainda assim deixar isto num certo nível, de modo que o meu cérebro (o cérebro que é cérebro comum a toda a humanidade) possa dizer: sim, esta função especializada existe, mas ela não vai interferir?

Se sou carpinteiro, conheço a qualidade da madeira, o seu veio, a beleza da madeira e dos instrumentos com os quais trabalhá-la. E percebo que isso é natural e também percebo que o cérebro que cultivou a especialidade provavelmente possa entender a integridade da meditação. Se como carpinteiro eu entender isto, essa verdade, de que eu como

carpinteiro tenho um lugar, mas também que a especialização não tem lugar nenhum na totalidade da compreensão, na totalidade do entendimento da meditação, então essa especialização torna-se um caso menor.

E, assim, começamos a perguntar: o que é a meditação? Antes de mais nada, a meditação exige atenção, o que significa empregar toda a sua capacidade e energia na observação. A atenção é diferente da concentração. A concentração é um esforço feito pelo pensamento para focalizar a sua capacidade, a sua energia, num determinado assunto em especial. Quando vocês estão na escola, são treinados para se concentrarem, isto é, para colocarem toda a energia num determinado ponto. Na concentração não é permitida a interferência de qualquer outro tipo de pensamento; a concentração implica o controle do pensamento, não permitir que ele vague, mas mantê-lo focalizado num assunto em especial. É a operação do pensamento que focaliza a atenção, que focaliza a energia nesse assunto. Nessa operação do pensamento há compulsão, controle. Assim, na concentração há o controlador e o controlado. O pensamento está vagando, o pensamento diz não vague, e eu o trago de volta, como controlador que diz: "devo me concentrar nisto". Assim, há o controlador e o controlado. Quem é o controlador? O controlador é parte do pensamento e é o passado. O controlador diz: "aprendi bastante e é importante para mim, o controlador, controlar o pensamento". Isto é, o pensamento dividiu-se em controlador e controlado; este é um truque que o pensamento cria para si mesmo. Agora, na atenção, não há nenhum controlador nem o controlado; há somente a atenção. Assim, é necessário um exame cuidadoso da natureza da concentração, com o controlador e o controlado. Durante toda a nossa vida existe esse controlador – "devo fazer isto, devo fazer aquilo, devo controlar meus desejos, controlar a minha raiva, controlar o meu ímpeto".

Devemos ser bem claros no entendimento do que é a con-

centração e do que é a atenção. Na atenção não há nenhum controlador. Assim, na vida cotidiana, existe acaso um modo de viver no qual toda forma de controle psicológico deixe de existir? Porque controle significa esforço, significa divisão entre o controlador e o controlado; estou com raiva, devo controlar a minha raiva; eu fumo, não devo fumar e devo resistir ao fumo. Estamos dizendo que há alguma coisa completamente diferente, e isso pode ser entendido e pode ser completamente rejeitado, porque é muito comum dizer que a vida toda é controle – se você não se controlar vai tornar-se permissivo, absurdo, sem sentido, portanto você deve se controlar. As religiões, as filosofias, os professores, a sua família, a sua mãe, todos eles encorajam-no a se controlar. Nós nunca perguntamos: quem é o controlador? O controlador é formado no passado, passado que é conhecimento, que é pensamento. O pensamento dividiu-se em controlador e controlado. A concentração é essa operação. Ao entendermos isso, estamos fazendo uma pergunta muito mais fundamental, que é: podemos viver neste mundo com uma família e com responsabilidades sem a sombra do controle?

Vejam a beleza dessa pergunta. O nosso cérebro tem sido treinado durante milhões de anos para se inibir, para controlar e agora não opera nunca com a sua inteireza. Vejam por vocês mesmos o que ele está fazendo; observem o seu próprio cérebro em operação, racionalmente, criticamente, examinando-o de modo que não haja nenhum engano ou hipnose. A maioria das meditações que foram apresentadas, vindas do mundo asiático, implicam em controle; controle o seu pensamento, para ter uma mente em paz, isto é, quieta, isto é, que não esteja eternamente tagarelando. O silêncio, a quietude e o sossego absoluto da mente, do cérebro, são necessários a fim de percebermos e de atingirmos isso; essas formas de meditação, embora sutis, têm no controle a sua base. De modo alternativo, você se entrega a um guru ou a

algum ideal e pode esquecer-se de si mesmo, porque você se entregou a alguma coisa e, portanto, está em paz; mas, de novo, há o movimento do pensamento, do desejo e da excitação de atingir alguma coisa a que você se ofereceu.

A atenção não é o oposto da concentração. O oposto tem a sua base no seu próprio oposto. Se o amor é o oposto do ódio, então o amor nasce do ódio. A atenção não é o oposto da concentração, está totalmente divorciada dela. A atenção precisa de esforço? Esta é uma das nossas principais atividades: devo fazer um esforço; sou preguiçoso, não quero me levantar esta manhã, mas tenho que me levantar, fazer um esforço. Eu não quero fazer coisa alguma, mas devo. Vejam como é extraordinário o fato de não podermos apanhar o significado disto imediatamente. Isso tem de ser explicado, explicado, explicado. Parece que somos incapazes de dirigir a percepção para a diferença entre a concentração e a atenção; incapazes de ter uma compreensão da atenção e de estarmos atentos.

Quando acontece a atenção? É óbvio que não é através do esforço. Quando alguém faz um esforço para estar atento, isto é um indício de que está desatento e de que está tentando transformar essa desatenção em atenção. Mas ter uma percepção rápida, ver instantaneamente a falsidade de todas as organizações religiosas, de modo a estarmos fora delas. Ver instantaneamente que o observador é o observado e, que, portanto, não se faz nenhum esforço; é isto. O esforço existe quando há divisão. Será que isso não indica que o nosso cérebro se tornou insensível, porque fomos treinados, treinados e, assim, ele perdeu a sua antiga rapidez, a sua capacidade de ver diretamente, sem todas as explicações e palavras, palavras, palavras? Mas, infelizmente, temos que passar por isso porque a nossa mente, o nosso cérebro não podem, por exemplo, entender instantaneamente que essa verdade não tem caminho; ele é incapaz de perceber a amplitude dessa afirmação, a sua beleza, e

pôr de lado todos os caminhos, de modo que o nosso cérebro se torne extraordinariamente ativo. Uma das dificuldades é que nos tornamos mecânicos. Se o nosso cérebro não for extraordinariamente vivo e ativo, ele fenecerá gradualmente. Agora, o nosso cérebro não tem nenhum pensamento, ele tem que estar ativo, mesmo que parcialmente; mas quando o computador puder assumir o comando de todo o trabalho e da maior parte do pensamento, operando com a rapidez que o cérebro não possui, então o cérebro irá fenecer. Isto está acontecendo; não é uma afirmação exagerada do conferencista, está acontecendo agora e não estamos cônscios disto.

Na concentração, há sempre um centro a partir do qual agimos. Quando nos concentramos, nós o fazemos para obter algum benefício, por algum profundo motivo enraizado; observamos de um centro. Enquanto que na atenção não há nenhum centro. Quando olhamos para alguma coisa imensa – como as montanhas, com a sua extraordinária majestade, o contorno contra o céu azul e a beleza dos vales – esta beleza por um momento desativa o centro; ficamos por um momento atordoados por sua grandeza. A beleza é essa percepção, quando o centro deixa de existir. Uma criança, quando lhe damos um brinquedo, fica tão absorvida por ele que deixa de ficar travessa, fica completamente com o brinquedo. Mas quando quebra o brinquedo, volta de novo a si mesma. A maioria de nós está absorvida por seus diversos brinquedos; quando os brinquedos desaparecem, voltamos a nós mesmos. No entendimento de nós mesmos sem o brinquedo, sem qualquer orientação, sem qualquer motivo, está a liberdade da especialização, o que torna todo o cérebro ativo. Quando todo o cérebro está ativo existe a atenção total.

Estamos sempre percebendo, ou sentindo, com parte dos nossos sentidos. Ouvimos alguma música, mas nunca realmente escutamos. Quando olhamos para uma montanha, por causa da sua majestade, os nossos sentidos operam total-

mente, portanto nos esquecemos de nós mesmos. Quando olhamos para o movimento do mar ou para o céu com uma nesga de lua, quando estamos totalmente cônscios, com todos os nossos sentidos, isso é atenção completa, na qual não há nenhum centro. Isso significa que a atenção é o silêncio total do cérebro; não há mais nenhuma tagarelice, ele está completamente quieto — um silêncio absoluto da mente e do cérebro. Há várias formas de silêncio — o silêncio entre dois ruídos, o silêncio entre duas notas, o silêncio entre os pensamentos, o silêncio de quando entramos numa floresta; onde há o grande perigo de um animal perigoso, tudo fica totalmente em silêncio. Este silêncio não é juntado ao pensamento, nem nasce através do medo. Quando estamos realmente amedrontados, os nossos nervos e o nosso cérebro tornam-se quietos — mas a meditação não é essa qualidade de silêncio; é totalmente diferente. O seu silêncio é a operação de todo o cérebro com todos os sentidos ativos; é a liberdade que produz o silêncio total da mente; esta mente, este cérebro-mente, que está absolutamente quieto — não a quietude produzida pelo esforço, pela determinação, pelo desejo, pelo motivo. Essa quietude é a liberdade da ordem, que é virtude, que é correção de comportamento. Nesse silêncio está apenas aquilo que é inominável e intemporal. Isso é a meditação.

26 de julho de 1981.

8

Infelizmente, há apenas duas palestras e, assim, será necessário condensar o que temos a dizer a respeito de toda a existência. Não estamos fazendo nenhuma espécie de propaganda; não estamos persuadindo vocês a pensarem numa determinada direção, nem convencendo-os de qualquer coisa — devemos estar muito certos disso. Não estamos trazendo do Oriente alguma coisa exótica como o contra-senso que se perpetua em nome dos gurus e das pessoas que escrevem coisas estranhas após visitarem a Índia; não pertencemos de modo algum a essa gente. E gostaríamos de observar que durante essas duas palestras estamos pensando juntos, não apenas ouvindo algumas idéias e concordando ou discordando delas; não estamos criando argumentos, opiniões, julgamentos, mas juntos — quero dizer juntos, vocês e o conferencista — vamos observar no que se transformou o mundo, não apenas o Ocidente, mas, também, o Oriente, onde há uma grande pobreza, uma grande miséria, com uma imensa superpopulação, onde os políticos, como aqui no Ocidente, são incapazes de lidar com o que está acontecendo. Todos os políticos estão pensando em termos de tribalismo. O tribalismo tornou-se um nacionalismo glorificado. Não podemos, portanto, contar com quaisquer políticos, com quaisquer líderes ou com quaisquer livros que tenham sido escritos sobre religião. Não podemos contar, provavelmente, com quaisquer dessas pessoas, nem com os cientistas, os biólogos ou os psicólogos. Eles não foram capazes de resolver os problemas humanos. Estou totalmente certo de que vocês

concordam com tudo isso. Nem podemos contar com quaisquer dos gurus que, infelizmente, vêm para o Ocidente e exploram as pessoas, tornando-se muito ricos; eles nada têm a ver com religião.

Tendo dito tudo isto, é importante que nós, vocês e o conferencista pensemos juntos. Por pensar juntos queremos dizer não apenas aceitar qualquer espécie de opinião ou avaliação, mas observarmos juntos, não apenas exteriormente, o que está acontecendo no mundo, mas também o que está acontecendo a todos nós, internamente, psicologicamente. Externamente, exteriormente, há uma grande incerteza, confusão, guerras ou o medo da guerra. Há guerras acontecendo agora em algumas partes do mundo; os seres humanos estão se matando uns aos outros. Isso não está acontecendo no Ocidente, aqui, mas há a ameaça da guerra nuclear e a preparação para a guerra. E nós, seres humanos comuns, não parecemos capazes de fazer alguma coisa com relação a tudo isso. Há demonstrações, terrorismos, pessoas fazendo greve de fome, e assim por diante. Há um grupo tribal contra o outro e os cientistas estão contribuindo para isso, bem como os filósofos, que, embora falem contra, internamente, estão continuando a pensar em termos de nacionalismos, de acordo com a carreira particular de cada um. Assim, é isso o que está realmente acontecendo no mundo exterior, o que qualquer ser humano inteligente pode observar.

E, interiormente, em nossas mentes e em nossos corações, nós mesmos também estamos muito confusos. Não há nenhuma segurança, não apenas, talvez, para nós mesmos, mas para a geração futura. As religiões dividiram os seres humanos em cristãos, hindus, muçulmamos e budistas. Assim, levando tudo isso em consideração, observando com objetividade, calmamente, sem qualquer preconceito, naturalmente é importante que pensemos juntos a respeito de tudo isso. Pensar juntos, sem opor uma opinião a outras opiniões, sem opor uma

conclusão a outra conclusão, um ideal contra outro ideal, mas, pelo contrário, pensar juntos e ver o que nós, seres humanos, podemos fazer. A crise não está no mundo econômico, nem no mundo político; a crise está na consciência. Acho que muito poucos de nós percebem isto. A crise está na nossa mente e em nosso coração; isto é, a crise está em nossa consciência. A nossa consciência é a nossa existência em sua totalidade. Com as nossas crenças, com as nossas conclusões, com o nosso nacionalismo, com todos os medos que temos; são os nossos prazeres, os problemas aparentemente insolúveis e aquilo que chamamos de amor, compaixão; ela inclui o problema da morte — o imaginar se existe alguma coisa após a morte, alguma coisa além do tempo, além do pensamento, alguma coisa eterna: este é o conteúdo da nossa consciência.

Este é o conteúdo da consciência de todo ser humano, em qualquer parte do mundo em que viva. O conteúdo da nossa consciência é o terreno comum de toda a humanidade. Acho que temos que deixar isto bem claro desde o início. Um ser humano de qualquer parte do mundo sofre, não apenas fisicamente, mas também interiormente. Ele está incerto, amedrontado, confuso, ansioso, privado de qualquer sentido de profunda segurança. Assim, a nossa consciência é comum a toda a humanidade. Por favor, ouçam isto. Vocês podem estar ouvindo isto pela primeira vez; assim, por favor, não se descartem disto. Vamos investigar isto juntos, não quando vocês forem para casa, mas agora: a consciência de vocês, o que vocês pensam, o que vocês sentem, as suas reações, as suas ansiedades, a sua solidão, os seus pesares, a sua dor, a sua procura de alguma coisa que não seja apenas física, mas que ultrapasse todo o pensamento, é igual à de uma pessoa que viva na Índia, na Rússia ou na América. Todos eles passam pelos mesmos problemas que vocês, os mesmos problemas de relacionamento uns com os outros, homem, mulher. Assim, todos estão no mesmo terreno da consciência. A nossa

consciência é comum a todos nós e, portanto, não somos indivíduos. Por favor, considerem isto. Nós fomos treinados, educados, tanto religiosa quanto academicamente, para pensar que somos indivíduos, almas separadas, em luta por nós mesmos; mas isso é uma ilusão, porque a nossa consciência é comum a toda a humanidade. Assim, nós somos a humanidade. Não somos indivíduos em separado batalhando por nós mesmos. Isto é lógico, é racional, sensato. Não somos entidades separadas, com conteúdo psicológico separado, lutando por nós mesmos, mas somos, cada um de nós, na realidade, o restante da humanidade.

Talvez vocês aceitem intelectualmente a lógica disto, mas se vocês sentirem profundamente, então toda a atividade de vocês sofrerá uma mudança radical. Essa é a primeira questão que temos que pensar juntos: que a nossa consciência, o modo como pensamos, o modo como vivemos, alguns talvez mais confortavelmente, com mais fartura, com maior facilidade de viajar do que os outros, é, interiormente, psicologicamente, exatamente igual à dos que vivem a milhares e milhares de milhas distante.

Tudo é relação; a nossa própria existência é relação. Observem o que fazemos com as nossas relações uns com os outros, sejam elas íntimas ou não. Em toda relação há um tremendo conflito, luta – por quê? Por que os seres humanos, que vivem há mais de milhões de anos, não resolveram esse problema da relação? Assim, vamos esta manhã pensar juntos a esse respeito. Vamos observar juntos o que é, na realidade, a relação entre um homem e uma mulher. Toda a sociedade está baseada no relacionamento. Não há sociedade se não houver relacionamento; a sociedade torna-se, então, uma abstração.

Observamos que existe conflito entre o homem e a mulher. O homem tem os seus próprios ideais, as suas próprias buscas, as suas ambições próprias, está sempre procurando o

sucesso, ser alguém no mundo. E a mulher também está lutando, também está querendo ser alguém, querendo realizar-se, transformar-se. Cada um está buscando sua própria direção. Assim, homem e mulher são como duas ferrovias que correm paralelas, nunca se encontram, a não ser, talvez, na cama, mas de outro modo – se vocês observarem profundamente – nunca na realidade se encontram psicologicamente, interiormente. Por quê? Essa é a questão. Quando perguntamos por que, estamos sempre perguntando pela causa; pensamos em termos de causação, na esperança de que, se pudermos entender a causa, então, talvez, possamos mudar o efeito.

Assim, estamos fazendo uma pergunta muito simples e muito complexa: por que nós, seres humanos, não fomos capazes de resolver este problema do relacionamento, embora vivamos sobre esta terra há milhões de anos? Será porque cada um tem a sua imagem particular e especial, formada pelo pensamento, e que o nosso relacionamento se baseia em duas imagens, a imagem que o homem cria dela, da mulher, e a imagem que a mulher cria dele? Assim, neste relacionamento, somos como duas imagens que vivem juntas. Isso é um fato. Se vocês observarem por vocês mesmos, com muito cuidado, se é possível fazer esta observação, vocês terão criado uma imagem dela e ela criou um quadro, uma estrutura verbal de você, o homem. Assim, o relacionamento é feito entre estas duas imagens. Essas imagens foram formadas pelo pensamento. E o pensamento não é amor. Todas as lembranças desse relacionamento, de um com o outro, os quadros, as conclusões de um a respeito do outro, se observarmos cuidadosamente, sem qualquer preconceito, são produto do pensamento; são o resultado de várias lembranças, experiências, irritações e solidões e, assim, o nosso relacionamento de um com o outro não é amor, mas a imagem que o pensamento formou. Assim, se devemos entender a realidade das relações, temos que entender todo o movimento do pensamento, porque vivemos pelo

pensamento; todas as nossas ações se baseiam no pensamento, todos os grandes edifícios, as catedrais, igrejas, templos e mesquitas do mundo são o resultado do pensamento. E tudo dentro destes edifícios religiosos — as figuras, os símbolos, as imagens — tudo é invenção do pensamento. Não há como refutar isso. O pensamento criou não apenas os mais maravilhosos edifícios e o conteúdo desses edifícios, mas também criou os instrumentos da guerra, a bomba sob todas as suas formas. O pensamento também produziu o cirurgião e os seus maravilhosos instrumentos, tão delicados na cirurgia. E o pensamento também produziu o carpinteiro, o seu estudo da madeira e os instrumentos que ele usa. O conteúdo de uma igreja, a habilidade de um cirurgião, a perícia do engenheiro que constrói uma bela ponte, tudo é resultado do pensamento — não há como refutar isso. Assim, temos que examinar o que é o pensamento e por que os seres humanos vivem do pensamento e por que o pensamento produziu esse caos no mundo — a guerra e a falta de relacionamento de uns com os outros — examinar a grande capacidade do pensamento, com a sua extraordinária energia. Também devemos perceber como o pensamento trouxe, durante milhões de anos, esse pesar para a humanidade. Por favor, observemos isto juntos, vamos examinar isto juntos. Não se oponham apenas ao que o conferencista está dizendo, mas examinemos juntos o que ele está dizendo, de modo que possamos entender o que está realmente acontecendo a todos nós, seres humanos, pois nós estamos nos destruindo.

O pensamento é uma resposta da lembrança das coisas passadas; ele também se projeta como esperança para o futuro. A memória é o conhecimento; o conhecimento é a memória da experiência. Isto é: há a experiência, da experiência se faz o conhecimento como memória e pela memória vocês agem. Com essa ação vocês aprendem, o que quer dizer mais conhecimento. Assim, vivemos neste ciclo — experiência, memória,

conhecimento, pensamento e daí para a ação – sempre vivendo dentro do campo do conhecimento.

Falamos sobre uma coisa muito séria. Não se trata de algo para um fim de semana, para ouvir casualmente; trata-se de algo que está relacionado com uma mudança radical da consciência humana. Assim, temos que pensar em tudo isto, olhar juntos e perguntar por que nós, seres humanos, que vivemos nesta terra há tantos milhões de anos, ainda somos o que somos. Podemos ter avançado tecnologicamente, ter melhores meios de comunicação, melhor transporte, higiene, e assim por diante, mas, internamente, somos mais ou menos os mesmos – infelizes, inseguros, solitários, carregando o pesar interminavelmente. E qualquer homem sério, quando se defronta com este desafio, deve responder a ele, não pode aceitá-lo casualmente, dar as costas. É por isso que essas reuniões são muito sérias, mas muito sérias mesmo, porque temos que aplicar as nossas mentes e os nossos corações para descobrirmos se é possível produzir uma mutação radical em nossa consciência e, portanto, em nossa ação e comportamento.

O pensamento nasce da experiência e do conhecimento, e não há nada absolutamente sagrado a respeito do pensamento. Pensar é um ato materialista, é um processo da matéria. E nós confiamos no pensamento para resolver os nossos problemas na política, nas religiões e nas nossas relações. O nosso cérebro, a nóssa mente, são condicionados, educados para resolver os problemas. O pensamento criou os problemas e, depois, o nosso cérebro, a nossa mente, são treinados para resolvê-los com mais pensamento. Todos os problemas são criados, psicologicamente, interiormente, pelo pensamento. Acompanhem o que acontece. O pensamento cria o problema, psicologicamente; a mente é treinada para resolver os problemas com mais pensamento; assim o pensamento, ao criar o problema, tenta, depois, resolvê-lo. Assim, ele é preso num

processo contínuo, numa rotina. Os problemas estão se tornando cada vez mais complexos, mais insolúveis; por isso, devemos descobrir se é possível abordarmos a vida de um modo diferente, não através do pensamento, porque o pensamento não resolve os nossos problemas; pelo contrário, o pensamento produziu uma complexidade maior. Devemos descobrir se é possível ou não, se há uma dimensão diferente, uma abordagem totalmente diferente da vida. Por isso, é importante entender a natureza do nosso pensamento. O nosso pensamento se baseia na lembrança das coisas passadas – pensar no que aconteceu uma semana atrás, pensar nisto modificado no presente e projetá-lo no futuro. Este é realmente o movimento da nossa vida. Assim, o conhecimento tornou-se muito importante para nós, mas o conhecimento nunca se completa. Portanto, o conhecimento sempre vive dentro da sombra da ignorância. Esse é um fato. Não é invenção ou conclusão do conferencista, mas é assim.

O amor não é lembrança. O amor não é conhecimento. Amor não é desejo ou prazer. Lembrança, conhecimento, desejo e prazer estão baseados no pensamento. O nosso relacionamento de uns com os outros, embora próximo, se for olhado com cuidado, baseia-se na lembrança, que é pensamento. Assim, essa relação – embora vocês possam dizer que amam as suas esposas ou os seus maridos ou as suas namoradas – está, na realidade, baseada na lembrança, que é pensamento. E nisso não há amor. Vocês percebem realmente esse fato? Ou vocês dizem: "Que coisa mais terrível de se dizer. Eu realmente amo a minha esposa." Mas será mesmo? Pode haver amor quando há ciúme, posse, ligação, quando cada um está perseguindo sua própria e particular ambição, cobiça e inveja, como duas linhas paralelas que nunca se encontram? Isso é amor?

Espero que estejamos pensando juntos, observando juntos, como dois amigos que caminham por uma estrada e vêem

o que está à sua volta, não apenas aquilo que está muito próximo e pode ser imediatamente percebido, mas o que está à distância. Estamos fazendo a viagem juntos, talvez afetuosamente, de mãos dadas – dois amigos examinando amigavelmente o complexo problema da vida; nenhum deles é líder ou guru, porque quando vemos, na realidade, que a nossa consciência é a consciência do resto da humanidade, então percebemos que somos tanto o guru quanto o discípulo, tanto o professor quanto o aluno, porque tudo isso está na nossa consciência. Esta é uma percepção extraordinária. Assim, quando começamos a nos entender profundamente, nós nos tornamos uma luz para nós mesmos e não ficamos dependendo de uma pessoa, de um livro ou de uma autoridade – inclusive esta do conferencista – de modo que somos capazes de entender todo este problema do viver e do ser uma luz para nós mesmos.

O amor não tem nenhum problema e, para entender a natureza do amor e da compaixão com a sua própria inteligência, devemos entender juntos o que é o desejo. O desejo possui uma extraordinária vitalidade, uma extraordinária persuasão, impulso, alcance; todo o processo do vir a ser, do sucesso, está baseado no desejo – desejo que faz com que nos comparemos uns com os outros, imitemos, nos conformemos. É muito importante, ao entendermos a nossa natureza, entender o que é o desejo; não suprimi-lo, não fugir dele, não transcendê-lo, mas entendê-lo, perceber todo o seu ímpeto. Podemos fazer isso juntos, o que não quer dizer que vocês então estejam aprendendo com o conferencista. O conferencista nada tem para lhes ensinar. Por favor, percebam isso. O conferencista está apenas agindo como um espelho no qual vocês podem se ver. Então, quando vocês se virem claramente, poderão descartar o espelho; ele não terá mais nenhuma importância, podem quebrá-lo.

Entender o desejo exige atenção, seriedade. É um

problema muito complexo entender por que os seres humanos viveram desta extraordinária energia do desejo, assim como da energia do pensamento. Qual é a relação entre o pensamento e o desejo? Qual é a relação entre o desejo e a vontade? Vivemos muito pela vontade. Assim, qual é o movimento, a fonte, a origem do desejo? Se nos observarmos, veremos a origem do desejo; ele começa com as respostas sensoriais; depois, o pensamento cria a imagem e, neste momento, começa o desejo. Vemos algo na vitrina, um vestido, uma camisa, um carro, seja lá o que for – nós vemos isso – sensação –, e então o tocamos, e então o pensamento diz: "se eu vestir esta camisa ou vestido, como vai ficar bem" – isso cria as imagens e, então, começa o desejo. Assim, a relação entre o desejo e o pensamento é muito próxima. Se não houvesse o pensamento, haveria apenas a sensação. O desejo é a quintessência da vontade. O pensamento domina a sensação e cria o estímulo, o desejo, a vontade de possuir. Quando o pensamento opera no relacionamento – que é a lembrança, que é a imagem que um cria do outro pelo pensamento – não pode haver amor. O desejo, o desejo sexual ou outras formas de desejo, impede o amor, porque o desejo faz parte do pensamento.

Devemos considerar em nosso exame a natureza do medo, porque somos todos presos a esta coisa terrível chamada medo. Parecemos não ser capazes de resolvê-lo. Vivemos com ele, nos acostumamos com ele ou dele escapamos através da diversão, da adoração, por meio de várias formas de entretenimentos, religiosos e outros mais. O medo é comum a todos nós, quer vivamos neste país ordeiro e limpo ou na Índia, onde há desordem e superpopulação. O problema é o mesmo, o medo com que o homem tem vivido durante milhões e milhões de anos e que não foi capaz de resolver. Será possível – estamos fazendo esta pergunta seriamente – será possível ficarmos totalmente, completamente livres do medo, não apenas das formas físicas do medo, mas das formas muito

mais sutis do medo interior, dos medos conscientes e dos medos profundos e não descobertos, que nós jamais soubemos que existem? O exame desses medos não significa análise. Está na moda procurar o analista quando se tem qualquer problema. Mas o analista é como você e eu, ele apenas possui uma determinada técnica. A análise implica a existência de um analista. Será o analista diferente daquilo que ele analisa? Ou será o analista o analisado? O analista é o analisado. Esse é um fato óbvio. Se estou me analisando, quem é o analista em mim que diz: "devo analisar"? É ainda o analista que se separa do analisado e que, depois, examina aquilo que deve ser analisado. Assim, o analista é aquilo que ele está analisando. Eles são a mesma coisa. Separá-los é um truque que o pensamento nos prega. Mas quando nós observamos não há análise; há apenas o observar das coisas como elas são — observar o que realmente é, não analisar o que é, porque no processo da análise podemos nos enganar. Se vocês gostam deste jogo, vocês podem jogá-lo e irão jogá-lo interminavelmente, até à morte, analisando e nunca produzindo uma transformação radical dentro de vocês mesmos. Enquanto que olhar para o presente como ele é — não como alemão, inglês ou francês, ou como isto ou aquilo — ver o que está realmente acontecendo é observação pura das coisas como elas são.

Observar o que é o medo não é examinar a causa do medo, o que implica em análise e ir cada vez mais para trás, até a origem do medo. É aprender a arte de observar, e não traduzir ou interpretar o que observamos, mas apenas observar, como observaríamos uma linda flor. No momento em que a desmontarmos, a flor não existe mais. É isto o que a análise faz. Mas observe a beleza de uma flor ou a luz noturna sobre uma nuvem, ou uma árvore solitária numa floresta, apenas observe. Assim, do mesmo modo, podemos observar o medo e qual é a raiz do medo — não os vários aspectos do medo.

Estamos perguntando se é possível ficarmos absoluta-

mente livres do medo. Psicologicamente, interiormente, qual é a raiz do medo? O que significa o medo? O medo não nasce de alguma coisa que nos causou dor no passado e que pode acontecer de novo no futuro? Não o que pode acontecer agora, porque agora não há medo algum. Vocês podem constatar por vocês mesmos que o medo é um processo do tempo. Alguma coisa que aconteceu na semana passada, um incidente que causou dor psicológica ou física, e disso vem o medo de que tal coisa possa acontecer de novo, amanhã. O medo é um movimento no tempo; um movimento do passado para o presente, modificando o futuro. Assim, a origem do medo é o pensamento. E o pensamento é tempo, é o acúmulo do conhecimento pela experiência, a resposta da memória como pensamento e, depois, ação. Assim, pensamento e tempo são um só; o pensamento e o tempo são as raízes do medo. Isso é bem óbvio. É assim. Agora, não se trata de deter o pensamento ou o tempo. Naturalmente, seria impossível detê-los, porque a entidade que diz: "devo deter o pensamento" faz parte do pensamento. Assim, a idéia de deter o pensamento é absurda. Implica um controlador que está tentando controlar o pensamento, e esse controlador é criado pelo pensamento. Por favor, observem apenas isto: *a observação é em si mesma uma ação,* não que devamos fazer alguma coisa com relação ao medo. Será que vocês entendem isto?

Suponhamos que eu tenha medo de uma ou outra coisa, da escuridão, de que minha esposa vá embora, da solidão, disto ou daquilo. Estou profundamente apavorado. Você aparece e me explica todo o movimento do medo, a origem do medo, que é o tempo. Eu senti dor, passei por algum acidente ou incidente que me causou dor; isso está registrado no cérebro e a memória desse incidente passado produz o pensamento de que isso possa acontecer de novo, e, portanto, há o medo. Então, você me explica isto, e eu ouço com muito cuidado a sua explicação. Percebo a sua lógica, a sua

sensatez; não a rejeito, ouço. E isso significa que o ouvir se torna uma arte. Eu não rejeito o que você está dizendo, nem aceito, mas observo. E observo que o que você me diz a respeito do tempo e do pensamento é real. Eu não digo: "devo deter o tempo e o pensamento", mas, como me foi explicado, eu apenas observo como nasce o medo, que é um movimento do pensamento, do tempo. Eu apenas observo este movimento e não me afasto dele, não fujo dele, mas vivo com ele, olho para ele, ponho toda a minha energia em olhá-lo. Então, vejo que o medo começa a se dissolver porque nada fiz a seu respeito; apenas observei, dei-lhe toda a minha atenção. Esta mesma atenção é como esclarecer o medo. A atenção significa dar toda a sua energia para esta observação.

Por que o homem persegue o prazer? Por favor, perguntem a vocês mesmos: por quê? Será o prazer o oposto da dor? Todos nós sofremos dor de diversas espécies, tanto físicas quanto psicológicas. Psicologicamente, a maior parte de nós desde a infância foi ferido, machucado; isso é dor. A conseqüência dessa dor tem sido se recolher, se isolar para não sermos mais feridos. Desde a infância, passando pela escola, ao nos compararmos com alguém mais talentoso, nos machucamos, e os outros nos machucaram pelas várias formas de ralhar, de dizer alguma coisa brutal, nos aterrorizando. E há esse ferimento profundo com todas as suas conseqüências, que são o isolamento, a resistência, cada vez um recolhimento maior. E nós pensamos que o oposto disso é o prazer. A dor e o seu oposto, que é o prazer. Será que a bondade é o oposto daquilo que não é bom? Se a bondade é o oposto, então a bondade contém o seu próprio oposto. Portanto, não é bom. A bondade é algo totalmente à parte daquilo que não é a bondade. Assim, será o prazer alguma coisa oposta à dor? Será um contraste? Estamos sempre perseguindo o contraste, o oposto. Assim, perguntamos: será o prazer inteiramente separado, como a bondade, daquilo que não é agradável? Ou

estará o prazer contaminado pela dor? Quando olhamos cuidadosamente para o prazer, ele é sempre lembrança, não é? Nunca dizemos, quando estamos felizes: "como estou feliz", é sempre depois; é a lembrança daquilo que lhes deu prazer, como um belo pôr-do-sol, o esplendor de um entardecer, cheio daquela luz extraordinária, que nos proporcionou grande deleite. Depois, isso é lembrado e nasce o prazer. Assim, o prazer também faz parte do pensamento – é óbvio.

Entender o relacionamento, o medo, o prazer e o pesar é trazer ordem para a nossa casa. Sem ordem, provavelmente, não poderemos meditar. Agora, o conferencista deixa a meditação para o fim da palestra porque não há nenhuma possibilidade de meditação correta se vocês não colocaram a sua casa, a sua casa psicológica, em ordem. Se a casa psicológica está em desordem, se o que vocês são está em desordem, de que interessa a meditação? Trata-se apenas de uma fuga. Isso leva a todas as espécies de ilusões. Vocês podem sentar-se de pernas cruzadas ou ficar de cabeça para baixo para o resto das suas vidas, mas isso não é meditação. A meditação deve começar produzindo completa ordem em suas casas – ordem em seus relacionamentos, ordem em seus desejos, prazeres, e assim por diante.

Uma das causas da desordem em nossa vida é o pesar. Este é um fator comum, uma condição comum a todos os seres humanos. Todos passam por esta tragédia do pesar, seja no mundo asiático ou no mundo Ocidental. De novo, esta é uma coisa comum, que todos compartilhamos. Não há apenas o assim chamado pesar pessoal, mas há o pesar da humanidade, os pesares que as guerras produziram – cinco mil anos de registros históricos, e a cada ano houve uma guerra, morte, violência, terror, brutalidade, mutilação de pessoas, pessoas que não têm mãos, olhos – os horrores e a brutalidade das guerras que produziram uma miséria incalculável para a humanidade. Não é apenas o nosso próprio pesar, mas o pesar da

humanidade; o pesar de ver um homem que nada possui, apenas um pedaço de pano e que assim vai permanecer pelo resto da sua vida – não tanto nestes países ocidentais, mas no mundo asiático é assim. E quando vemos essa pessoa há pesar. Também há pesar quando as pessoas são iludidas, indo de um guru para outro, fugindo de si mesmas. É um pesar observar isto, pessoas inteligentes irem para o Oriente, escreverem livros sobre ele, descobrindo algum guru – tantos caem nesse contra-senso. Há o pesar que surge quando vemos o que os políticos estão fazendo no mundo, pensando em termos de tribalismo. Há o pesar pessoal e a imensa nuvem do pesar da humanidade. O pesar não é uma coisa romântica, sentimental, ilógica; ele existe. Vivemos com este pesar desde tempos imemoriais e, aparentemente, não resolvemos este problema. Quando sofremos, procuramos consolo, o que é uma fuga do fato do pesar. Quando há este desgosto, vocês tentam todas as formas de passatempo e fuga, mas ele sempre persiste. Aparentemente, a humanidade não o resolveu. E estamos fazendo esta pergunta: é possível ficar livre disso completamente? Não evitando o pesar, não procurando consolo, não fugindo para alguma teoria fantasiosa, mas será possível viver com isso? Entendam essas palavras "viver com isso": elas não significam deixar que o pesar se torne um hábito. A maioria das pessoas vive com o pesar, com o nacionalismo, que é muito destrutivo, vivem com as suas próprias conclusões religiosas em separado, vivem com as suas próprias idéias e ideais fantasiosos, que, ademais trazem conflito. Assim, vivam com alguma coisa, vivam com o pesar, não o aceitando, não se habituando a ele – mas olhem-no, observem-no sem qualquer fuga, sem qualquer pergunta, tentando ir além dele, apenas "segurem-no em suas mãos" e olhem. O pesar também faz parte do extraordinário sentido de solidão: vocês podem ter muitos amigos, podem ser casados, podem possuir toda espécie de coisas, mas, interiormente, há este sentimento de

completa solidão. E isso faz parte do pesar. Observem essa solidão sem qualquer direção, sem tentar ir além dela, sem tentar descobrir um substituto para ela; vivam com ela, não a cultivem, não se tornem psicóticos a seu respeito, mas dêem toda a atenção a essa solidão, a esse desgosto, a esse pesar.

É uma grande coisa entender o sofrimento, pois onde há a liberdade do pesar há compaixão. Não temos compaixão enquanto estivermos ancorados em qualquer crença, em qualquer forma particular de símbolo religioso. Compaixão significa libertar-se do pesar. Onde há compaixão, há amor. Com essa compaixão está a inteligência – não a inteligência do pensamento, com a sua astúcia, com os seus ajustamentos, com a sua capacidade de construir qualquer coisa. Compaixão significa o fim do pesar e somente então há inteligência.

19 de setembro de 1981.

9

Somos como dois amigos sentados no parque num agradável dia, conversando a respeito da vida, dos nossos problemas, investigando a própria natureza da nossa existência e nos perguntando com seriedade por que a vida tornou-se um problema; por que, embora intelectualmente sejamos muito sofisticados, a nossa vida diária é tão tediosa, sem qualquer sentido, exceto o da sobrevivência – o que, ademais, é um tanto duvidoso. Por que a vida, a existência diária, tornou-se essa tortura? Podemos ir à igreja, seguir algum líder, político ou religioso, mas a vida diária é sempre uma perturbação; embora certos períodos sejam ocasionalmente alegres, felizes, há sempre uma nuvem escura em nossa vida. E estes dois amigos, como nós somos, vocês e o conferencista, estão discutindo juntos, de maneira amigável, talvez com afeto, com desvelo, com preocupação, se é de todo possível viver a nossa vida diária sem um único problema. Embora sejamos altamente instruídos, tenhamos determinadas carreiras e especializações, ainda assim temos essas lutas não resolvidas, a dor e o sofrimento e, às vezes, a alegria e o sentimento de não sermos totalmente egoístas.

Assim, vamos abordar esta questão do porque nós, seres humanos, vivemos como vivemos, indo para o escritório das nove às cinco ou seis horas, durante cinqüenta anos, e sempre com o cérebro, a mente, constantemente ocupados. Nunca há uma quietude, nunca há paz, mas sempre essa ocupação com uma ou outra coisa. E assim é a nossa vida. Assim é a

nossa vida diária, monótona, um tanto solitária, vida insuficiente. E tentamos fugir dela através da religião, das várias formas de entretenimento. No fim do dia, ainda estamos onde estivemos durante milhares e milhares de anos. Parece que mudamos muito pouco psicologicamente, interiormente. Os nossos problemas aumentam e há sempre o medo da velhice, da doença, de algum acidente que nos extinga. Assim é a nossa existência, da infância até à morte; quer seja voluntária ou involuntariamente, morremos. Parece que não fomos capazes de resolver esse problema, o problema da morte. Quando vamos envelhecendo, principalmente, nos lembramos de todas as coisas que aconteceram, dos momentos de prazer, dos momentos de dor e de pesar e das lágrimas. No entanto, sempre há esta coisa desconhecida chamada morte, da qual a maioria de nós tem medo. E, como dois amigos sentados no banco de um parque, não neste salão, com toda esta iluminação, que é um pouco feia, mas sentados à luz mosqueada, o sol penetrando através das folhas, os patos na água do canal e a beleza da terra, vamos discutir isto juntos. Vamos discutir juntos, como dois amigos que tiveram uma vida longa e séria, com todos os seus problemas, os problemas do sexo, da solidão, do desespero, da depressão, da ansiedade, da incerteza, uma sensação de não-sentido e, ao fim disto, sempre a morte.

Ao conversarmos sobre a morte, dela nos aproximamos intelectualmente — isto é, nós a racionalizamos, dizemos que ela é inevitável, que não devemos temê-la ou fugir dela através de alguma forma de crença na vida após a morte, na reencarnação ou, se vocês forem altamente intelectualizados, dizendo para vocês mesmos que a morte é o fim de todas as coisas, da nossa existência, das nossas experiências, das nossas lembranças, sejam elas ternas, agradáveis ou abundantes; é, também, o fim da dor e do sofrimento. O que significa tudo isto, esta vida que é, na realidade, se nós a examinarmos com muito cuidado, um tanto sem sentido? Podemos, intelectual-

mente, verbalmente, construir um sentido para a vida; mas o modo como nós, na realidade, vivemos tem muito pouco sentido. Viver e morrer é tudo o que sabemos. Tudo o mais é teoria, especulação; a busca sem sentido de uma crença na qual encontremos alguma espécie de segurança e esperança. Temos os ideais projetados pelos pensamentos e lutamos para alcançá-los. Esta é a nossa vida, até mesmo quando somos muito jovens, cheios de vitalidade e alegria, com o sentimento de que podemos fazer quase tudo; mas, com o passar da juventude, da meia-idade e da velhice sempre fica esta questão da morte.

Não estamos apenas, se é possível fazer esta observação, ouvindo uma série de palavras, algumas idéias, mas, pelo contrário, estamos juntos, quero dizer juntos, investigando todo este problema do viver e do morrer. E ou vocês o fazem com o coração, com toda a mente ou, então, de uma forma parcial, superficial – e, desse modo, com muito pouco sentido.

Antes de mais nada, devemos observar que o nosso cérebro nunca age plenamente, completamente; nós usamos apenas uma pequena parte dele. Esta parte é a atividade do pensamento. Sendo, em si, uma parte, o pensamento é incompleto. O cérebro funciona numa área muito restrita; ele depende dos nossos sentidos, que também são limitados, parciais; a totalidade dos sentidos nunca é livre, desperta. Eu não sei se vocês já sentiram, ao olharem alguma coisa com todos os sentidos, ao olharem o mar, os pássaros e o luar sobre um relvado verde, se já perceberam, se olharam parcialmente ou com todos os sentidos totalmente despertos. Os dois estados são inteiramente diferentes. Quando vocês olham alguma coisa parcialmente estão fixando mais a atitude centrada, separativa e egoísta do viver. Mas quando vocês olharem para o luar sobre a água, que deixa um caminho prateado, com todos os sentidos, isto é, com a mente, com o coração, com os nervos, pondo toda atenção nessa observação, então

vocês verão por vocês mesmos que não há nenhum centro do qual estejam observando.

O nosso ego, a nossa personalidade, toda a nossa estrutura como indivíduos, é inteiramente formada pela memória; nós somos memória. Por favor, este é um assunto para investigar; não o aceitem. Observem-no, ouçam. O conferencista está dizendo que "você", o ego, o "eu" são todos completamente memória. Não há nenhum lugar ou espaço onde haja claridade – vocês podem acreditar, ter esperança, ter fé, que haja em vocês alguma coisa incontaminada, algo que seja Deus, que seja a fagulha do intemporal, vocês podem acreditar em tudo isso, mas essa crença é apenas ilusória. Todas as crenças são ilusórias. Mas o fato é que toda a nossa existência é inteiramente feita de memória, de lembranças. Não há lugar ou espaço interior que não seja memória. Vocês podem investigar isto; se estiverem se indagando seriamente, verão que o "eu", o ego, é todo memória, lembranças. E essa é a nossa vida. Nós funcionamos, nós vivemos da memória. E, para nós, a morte é o fim dessa memória.

Estarei falando para mim mesmo ou estamos todos juntos nisto? O conferencista está acostumado a falar ao ar livre, debaixo de árvores ou sob uma vasta tenda, sem estas luzes ofuscantes; então, podemos ter uma comunicação íntima uns com os outros. Na realidade, há apenas eu e você conversando juntos, não esta audiência enorme num vasto salão, mas você e eu sentados às margens de um rio, num banco, discutindo isto juntos. E um diz para o outro: não somos nada além da memória e é a esta memória que estamos presos – a minha casa, a minha propriedade, a minha experiência, o meu relacionamento, o escritório ou a fábrica para onde eu vou, a arte de que eu gosto de poder utilizar durante um certo período de tempo – eu sou tudo isso. A tudo isso o pensamento está ligado. É a isso que chamamos de viver. E essa ligação cria todas as formas de problemas; quando esta-

mos ligados, há o medo da perda; estamos ligados porque estamos sozinhos, com uma profunda e permanente solidão, que é sufocante, isoladora, depressiva. E quanto mais estamos ligados a outra pessoa, o que, ademais, é memória, pois o outro é uma memória, mais problemas existem. Estou ligado ao nome, à forma; minha existência é a ligação a essas memórias que eu reuni durante a minha vida. Onde há ligação, observo que há corrupção. Quando estou ligado a uma crença, na esperança de que nessa ligação haja uma certa segurança, tanto psicológica quanto fisicamente, essa ligação impede um exame maior. E tenho medo de examinar quando estou fortemente ligado a alguma coisa, a uma pessoa, a uma idéia, a uma experiência. Assim, onde há ligação existe corrupção. Toda a nossa vida é um movimento dentro do campo do conhecido. Isso é óbvio. A morte significa o fim do conhecido. Significa o fim do organismo físico, o fim de toda a memória que sou eu, pois eu nada mais sou do que memória – sendo a memória o conhecido. E eu estou com medo de deixar tudo isso ir-se, o que significa a morte. Acho que isto está completamente claro, pelo menos verbalmente. Intelectualmente, podemos aceitar isso de modo lógico, sensato; é um fato.

O mundo asiático acredita na reencarnação, isto é, que a alma, o ego, o "eu", que é um feixe de memórias, renascerá mais uma vez para uma vida melhor, se eles se comportarem corretamente agora, se se conduzirem corretamente, se levarem uma vida sem violência, sem cobiça, e assim por diante; então, na próxima reencarnação, eles terão uma vida melhor, uma posição melhor. Mas a crença na reencarnação é apenas uma crença. Mas uma crença é apenas uma crença, por que os que possuem esta forte crença não vivem uma vida correta hoje? É apenas uma idéia de que a próxima vida será maravilhosa. Eles dizem que a qualidade da próxima vida deve corresponder à qualidade da vida atual. Mas a vida atual é tão torturante, tão exigente, tão complexa, que eles esquecem a crença e

lutam, se iludem, tornam-se hipócritas e aceitam toda forma de vulgaridade. Essa é uma resposta à morte: acreditar na outra vida. Mas o que é que irá reencarnar? O que é que irá continuar? O que é que tem continuidade na nossa vida atual? É a lembrança das experiências de ontem, dos prazeres, dos medos, das ansiedades, e isso continuará a vida toda, a menos que rompamos e nos afastemos dessa corrente.

Agora, a questão é a seguinte: será possível, enquanto se vive, com toda a energia, capacidade e agitação, terminar, por exemplo, com a ligação? Porque é isso o que vai acontecer quando vocês morrerem. Vocês podem estar ligados à sua esposa ou ao seu marido, à sua pobreza. Podem estar ligados a alguma crença num deus, o que é apenas uma projeção ou uma invenção do pensamento, mas vocês estão ligados porque há um certo sentimento de segurança, por mais ilusória que possa ser. A morte significa o fim dessa ligação. Agora, enquanto vivemos, podemos terminar voluntariamente, facilmente, sem qualquer esforço, com essa forma de ligação? O que significa morrer para uma coisa que vocês conheceram, uma coisa que vocês seguem? Vocês conseguem fazer isso? Porque isso é morrer junto com o viver, não separado por cinqüenta anos ou mais, à espera de alguma doença que dê cabo de vocês. É viver com toda a sua vitalidade, energia, capacidade intelectual e com grande sentimento e, ao mesmo tempo, para determinadas conclusões, para determinadas idiossincrasias, experiências, ligações, ferimentos, terminar, morrer. Isso é, enquanto viver, viver também com a morte. Então, a morte não é algo distante, a morte não é uma coisa que está no fim da nossa vida, produzida por algum acidente, doença ou velhice mas, pelo contrário, o fim de todas as coisas da memória — isso é a morte, uma morte não separada da vida.

Devíamos também considerar, como dois amigos sentados juntos às margens de um rio, com a água clara correndo — não água enlamaçada, poluída —, vendo o movimento das

ondas perseguindo-se rio abaixo, por que a religião representou uma parte tão grande na vida das pessoas desde os tempos mais antigos até hoje? O que é uma mente religiosa, como é ela? O que a palavra "religião" significa, realmente? Por que, historicamente, as civilizações desapareceram e novas crenças tomaram o seu lugar, o que produziu novas civilizações e novas culturas? – não o mundo tecnológico dos computadores, dos submarinhos, dos materiais de guerra, nem dos homens de negócio, nem dos economistas, mas as pessoas religiosas de todo o mundo produziram uma mudança tremenda. Assim, devemos indagar juntos o que queremos dizer com "religião". Qual é o seu significado? Será apenas uma mera superstição ilógica e sem sentido? Ou há alguma coisa maior, alguma coisa infinitamente bonita? Para descobrir isso, não será necessário – estamos discutindo isso juntos, como dois amigos – não será necessário estar livre de todas as coisas que o pensamento inventou sobre a religião?

O homem sempre procurou alguma coisa além da existência física. Ele sempre pesquisou, perguntou, sofreu, torturou-se para descobrir se há alguma coisa que não pertença ao tempo, que não pertença ao pensamento, que não seja a crença nem a fé. Para descobrir isso devemos estar absolutamente livres, pois se vocês se fixarem numa determinada forma de crença, essa mesma crença impedirá a investigação do que é eterno – se há essa coisa, a eternidade que está além de todo o tempo, além de toda medida. Assim, devemos estar livres – se somos sérios na indagação do que é religião – devemos ser livres de todas as coisas que o pensamento inventou sobre o que é considerado religioso. Isto é, todas as coisas que o hinduísmo, por exemplo, inventou, com as suas superstições, com as suas crenças, com as suas imagens e a sua literatura antiga, como os Upanixades – devemos ser completamente livres de tudo isso. Se estamos ligados a tudo isso, então será impossível, naturalmente, descobrir aquilo que é original.

Vocês entendem o problema? Se a minha mente, o meu cérebro está condicionado pelas superstições hindus, crenças, dogmas e idolatria, com toda a tradição antiga, então ela está amarrada a isso e não pode se mover, não é livre. Do mesmo modo, devemos ser livres totalmente de todas as invenções do pensamento, dos rituais, dogmas, símbolos, dos sábios, e assim por diante, do cristianismo. Isso pode ser bem mais difícil, pois nós nos aproximamos de casa. Mas todas as religiões, seja a cristã, a muçulmana, a hindu, a budista, são o movimento do pensamento que continua através do tempo, através da literatura, através dos símbolos, através das coisas feitas pelas mãos ou pela mente – e tudo isso é considerado religioso no mundo moderno. Para o conferencista, que não é religioso, para o conferencista, trata-se de uma forma de ilusão, de conforto, de satisfação romântica, sentimental, mas não real.

A religião deve afetar o modo pelo qual vivemos, o significado da vida, pois só então há ordem em nossa vida. A ordem é algo totalmente desassociado da desordem. Vivemos em desordem – isto é, em conflito, em contradição, dizendo uma coisa, fazendo outra, pensando de um modo e agindo de outro; isso é contradição. Onde há contradição, que é divisão, deve haver desordem. E uma mente religiosa está completamente sem desordem. Esse é o fundamento de uma vida religiosa – não todo o contra-senso que está acontecendo, com os gurus e suas idiotices.

É extraordinário como muitos gurus vieram ver o conferencista, alguns porque pensam que eu os ataco. Eles querem me persuadir a não atacar, dizem que o que você está dizendo e o que você está vivendo são a verdade absoluta, mas não é para nós, porque precisamos ajudar essas pessoas que não estão tão adiantadas quanto você. Vejam o jogo que eles fazem – vocês entendem? Assim, imaginamos por que alguns ocidentais vão à Índia, seguem esses gurus, se iniciam – seja lá o que isto signifique –, vestem roupas diferentes e pensam que são

muito religiosos. Mas retirem-lhes as roupas, detenham-nos e indaguem-nos, e eles são exatamente como vocês e eu.

Assim, a idéia de ir para algum lugar para encontrar esclarecimento, de mudar o nome para algum nome sânscrito, parece estranhamente absurda e romântica, sem qualquer realidade – mas milhares de pessoas estão fazendo isto. Provavelmente, trata-se de uma forma de diversão sem muito sentido. O conferencista não está atacando. Por favor, vamos entender isso: não estamos atacando nada, estamos apenas observando – observando o absurdo da mente humana, como somos pegos facilmente; somos tão ingênuos!

Uma mente religiosa é uma mente muito concreta; ela lida com os fatos, com o que está realmente acontecendo com o mundo exterior e com o mundo interior. O mundo de fora é a expressão do mundo de dentro; não há nenhuma divisão entre o fora e o dentro. Uma vida religiosa é uma vida de ordem, diligência; lidar com o que está realmente dentro de nós mesmos, sem nenhuma ilusão, de modo que vivamos uma vida ordenada e correta. Quando isto é estabelecido, inabalavelmente, então começamos a indagar o que é a meditação.

Talvez essa palavra não existisse no mundo ocidental, no seu uso atual, até há cerca de trinta anos atrás, mais ou menos. Os gurus orientais trouxeram-na para cá. Há a meditação tibetana, a meditação zen, a meditação hindu, a meditação particular de um determinado guru – a meditação yogue, sentar-se na postura de pernas cruzadas, respirar – tudo isso que vocês sabem. Tudo isso é chamado de meditação. Não estamos denegrindo as pessoas que fazem isso. Estamos apenas observando como a meditação se tornou absurda. O mundo cristão acredita na contemplação; eles se entregaram à vontade divina, à graça, e assim por diante. Acontece o mesmo no mundo asiático; apenas eles usam palavras diferentes, em sânscrito, mas é a mesma coisa – o homem procurando alguma espécie de

segurança duradoura, de felicidade, de paz, e não a encontrando sobre a terra, na esperança de que ela exista em algum lugar, a procura desesperada de alguma coisa imperecível, a busca do homem pelo tempo incomensurável.

Assim, devíamos indagar juntos, profundamente, o que é a meditação e se existe algo sagrado, santo – não aquilo que o pensamento criou como sendo santo; isso não é santo. O que o pensamento cria não é santo, pois está baseado no conhecimento; e como pode qualquer coisa que o pensamento invente, sendo incompleta, ser sagrada? Mas em todo o mundo adoramos aquilo que o pensamento inventou.

Não há nenhum sistema, nenhuma prática, além da clareza de percepção de uma mente livre para observar, uma mente que não possui nenhuma direção, nenhuma escolha. A maior parte dos sistemas de meditação têm o problema de controlarem o pensamento. A maior parte da meditação, seja zen, hindu, budista, cristã, ou a do último guru, tenta controlar o pensamento; pelo controle você centraliza, traz toda a sua energia para um determinado ponto. Isso é concentração, o que significa que há um controlador diferente do controlado. O controlador é o pensamento, a memória, e aquilo que ele controla ainda é pensamento – que está vagando; dessa forma, há conflito. Você está sentado, quieto, silenciosamente, e o pensamento vaga; você é como um escolar a olhar para fora da janela, e o professor diz: "Não olhe para fora da janela, concentre-se no seu livro." Nós temos que aprender o fato de que o controlador é o controlado. O controlador, o pensador, o experimentador são, nós achamos, diferentes do controlado, do movimento do pensamento, da experiência. Mas se observarmos cuidadosamente, o pensador é o pensamento. O pensamento criou o pensador separado do pensamento, que então diz:"Eu devo controlar." Assim, quando vocês percebem que o controlador é o controlado, vocês eliminam totalmente o conflito. O conflito só existe quando há divisão. Onde há

divisão entre o observador, o que testemunha, o que experimenta e aquilo que ele observa e experimenta, há conflito. Nossa vida está em conflito porque vivemos com esta divisão. Mas esta divisão é falaciosa, não é real; ela tornou-se um hábito nosso, uma cultura nossa, um controle nosso. Nunca percebemos que o controlador é o controlado.

Assim, quando percebemos esse fato – não verbalmente, não idealisticamente, não como um estado utópico pelo qual vocês têm de lutar, mas, na realidade, que em nossa vida o controlador é o controlado, que o pensador é o pensamento – então, todo o modelo do nosso pensamento sofre uma mudança radical e não há nenhum conflito. Essa mudança é absolutamente necessária se estamos meditando, porque a meditação exige uma mente altamente compassiva e, portanto, altamente inteligente, com uma inteligência que nasce do amor, não do pensamento astucioso. Meditação significa o estabelecimento da ordem na nossa vida diária, de modo que não haja contradição; isto significa rejeitar todos os sistemas de meditação, de modo que a nossa mente seja completamente livre, sem direção; de modo que a nossa mente fique completamente silenciosa. Será isso possível? Porque ficamos a tagarelar interminavelmente; no momento que deixarmos este lugar, começaremos a tagarelar. A nossa mente irá continuar para sempre ocupada, tagarelando, pensando, lutando e, assim, não há espaço algum. O espaço é necessário para que exista o silêncio, pois uma mente que está praticando, lutando para ficar em silêncio, nunca está em silêncio. Mas quando ela percebe que o silêncio é absolutamente necessário – não o silêncio projetado pelo pensamento, não o silêncio entre duas notas, entre dois ruídos, entre duas guerras, mas o silêncio da ordem –, então, nesse silêncio, a verdade, para a qual não existe nenhum caminho, passa a existir. A verdade, que é intemporal, sagrada, incorruptível. Essa é a meditação, essa é a mente religiosa.

20 de setembro de 1981.

A REDE DO PENSAMENTO

J. Krishnamurti

Nestas palestras, realizadas em 1981 em Saanen, na Suíça, e em Amsterdam, Krishnamurti compara a condição da mente humana à programação de um computador: *"O cérebro humano foi programado."*

E essa programação do cérebro, resultado do meio familiar, social e cultural em que vivemos, é responsável pela nossa identificação com a programação particular que nos domina: todos fomos colhidos nas malhas da nossa "rede de pensamentos".

"Nós, seres humanos — afirma Krishnamurti — *fomos 'programados' biologicamente, intelectualmente, emocionalmente, psicologicamente, durante milhares de anos, e repetimos reiteradamente o padrão desse programa. Paramos de aprender e devemos indagar se o cérebro humano, que foi programado durante tantos séculos, será capaz de aprender ainda e de se transformar de imediato numa dimensão totalmente diferente. Se não formos capazes disso, o computador, que é muito mais capaz, rápido e exato, irá assumir o comando das atividades do cérebro."*

Ante essa ameaça iminente, Krishnamurti, como é de seu feitio, convida seus leitores a pensar com ele numa solução que tire o homem desse impasse, de modo a fazer com que o cérebro humano rompa os elos que o prendem a esse condicionamento, em busca de sua total libertação.

EDITORA CULTRIX